

Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista

Diagnóstico e Propostas para a Elaboração de um Programa Museológico

Ana Rita Tavares Grosso

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do
Grau de Mestre em Museologia realizado sob a orientação científica de Doutora Emília
Ferreira e Professora Doutora Raquel Henriques da Silva

Agradecimentos

Gostaria em primeiro lugar de agradecer à minha orientadora Doutora Emília Ferreira, pela sua disponibilidade e paciência, por ter respondido sempre a todas as minhas questões, e à minha coorientadora, Professora Doutora Raquel Henriques da Silva, pelo tempo despendido.

Gostaria também de agradecer à Câmara Municipal de Setúbal, em especial ao Dr. José Luís Catalão, por me ter recebido tão gentilmente e por toda a informação crucial, que constitui uma das bases deste projeto.

Não posso também deixar de agradecer à minha família e amigos, pela paciência que demonstraram ao longo dos meses dedicados a este trabalho, por ouvirem queixas e desabafos e, especialmente, por partilharem todas as pequenas vitórias.

Finalmente, gostaria de agradecer a todos os colegas de Mestrado, pela partilha de dúvidas e conhecimentos.

Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista: Diagnóstico e Propostas para a Elaboração de um Programa Museológico

Ana Rita Tavares Grosso

Resumo

O presente trabalho de projeto, dedicado ao Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista, em Setúbal, foca-se essencialmente em duas questões: a elaboração de um diagnóstico à situação atual da instituição em causa e a construção de uma proposta a partir da qual seja possível a criação de um regulamento para o projeto e um decorrente programa museológico.

Uma breve contextualização e caracterização do Bairro da Bela Vista, em Setúbal, permitem-nos compreender os motivos que levaram, em primeiro lugar, à criação do NMU e à sua instalação naquele que é, sem dúvida, o bairro mais desacreditado da cidade. Motivações à parte, a realidade sobre o funcionamento do Núcleo Museológico fica aquém das expectativas e o diagnóstico aqui realizado, apoiado maioritariamente nas informações fornecidas diretamente pela divisão da Câmara Municipal de Setúbal, responsável pela sua gestão, mostra-nos que há ainda muito trabalho a fazer para que o NMU possa cumprir os seus objetivos.

No sentido de contribuir para que o Núcleo Museológico Urbano possa vir um dia a atingir todo o seu potencial, e com base naquilo que me foi possível observar enquanto fui realizando o diagnóstico a esta instituição, escrevi uma proposta, da qual constam vários pontos que considero serem indispensáveis e que poderão vir a integrar o regulamento e o decorrente programa museológico do NMU.

É importante salientar também que, embora o principal objetivo deste trabalho seja contribuir para a criação de um documento que possa vir a servir como instrumento de trabalho que facilite o desempenho das funções diárias do Núcleo Museológico Urbano, pretendo ao mesmo tempo chamar a atenção para a existência deste equipamento na cidade e para a urgência de tomar as medidas necessárias para que não continue a passar despercebido.

Palavras-Chave: Núcleo Museológico; Setúbal; Programação Museológica;

Abstract:

The present project, dedicated to the Urban Museum Center of Bela Vista in Setúbal, focuses on elaborating a diagnosis of this institution's current situation and on creating a proposal plan for the museum.

A brief contextualization and characterization of the Bela Vista borough allows to understand the reasons for creating and installing the Center in one of the most infamous neighborhoods in the city.

Reasons aside, the reality of the Urban Museum Center's performance is well below expectations and the diagnosis here presented, mostly based on information provided by the

Setúbal City Council's division responsible for its management, shows us that there is still a lot of work to be done before the Center is able to reach its goals.

In order to contribute toward aiding the Urban Museum Center reaching its full potential, and based on what I could observe while working on the diagnosis of this institution, I wrote a proposal that addresses a few points that I consider indispensable and can one day integrate a plan for this museum.

It is important to keep in mind that, although the main goal of this project is to contribute to the creation of a document that may, in the future, serve as a tool to facilitate the Center's daily workload, it also intends to draw attention to the existence of the Urban Museum Center and the urgent measures needed to keep it from being unnoticed.

Keywords: Urban Museum Center; Setúbal; Museum Planning;

ÍNDICE

1. Introdução	1
2. O Bairro da Bela Vista	3
3. O Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista	6
3.1. O Projeto.....	6
3.2. Diagnóstico	8
3.2.1. Localização	9
3.2.2. Tutela	10
3.2.3. Recursos Humanos	10
3.2.4. A Coleção	11
3.2.5. Serviço Educativo	18
3.2.6. Comunicação e Divulgação	20
3.3. Considerações sobre o exposto	23
4. Programa Museológico: Proposta.....	24
4.1. Missão, Vocação, Objetivos	26
4.2. Localização	28
4.3. Enquadramento Orgânico	29
4.4. Recursos Humanos	29
4.5. Gestão da Coleção	31
4.5.1. Registo e Inventário	32
4.5.2. Identificação	35
4.5.3. Conservação	37
4.5.4. Segurança	38
4.6. Serviço Educativo	40
4.7. Divulgação e Comunicação	43
5. Considerações Finais	45
BIBLIOGRAFIA	
ANEXOS	
Anexo A	i
Anexo B	ii
Anexo C	ix

Anexo D.....	x
--------------	---

1. Introdução

O presente trabalho tem por título “Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista: Diagnóstico e Propostas para a Elaboração de um Programa Museológico”, e debruça-se sobre o Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista (NMU), em Setúbal, um entre vários projetos desenvolvidos pela Câmara Municipal de Setúbal, em parceria com outras instituições, no âmbito de um programa de reabilitação urbana do Bairro da Bela Vista e da sua zona envolvente.

Nascido de uma visão maior de requalificação de um bairro carenciado e de certa forma degradado, o seu propósito vai muito mais além de uma função predominantemente estética ou decorativa. Aquilo que podemos definir como a sua coleção reflete as vivências, passadas e presentes, das várias comunidades que habitam o Bairro da Bela Vista. Representa também a esperança num futuro inclusivo, em que as suas identidades e valores aparecem refletidos, tornando-se estas comunidades, até há pouco tempo à margem da sociedade, positivamente visíveis.

A ideia de propor um regulamento que enforme depois um programa de atividade para o Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista surgiu durante o desenvolvimento de um outro trabalho em que o mesmo serviu de caso de estudo, no contexto de uma breve análise a uma possível participação benéfica dos museus em estratégias de inclusão social. Contudo, no decurso do trabalho de pesquisa, tornou-se evidente que o NMU não se encontra de momento a tirar partido de todo o seu potencial. A insuficiência de recursos, as carências de aspetos museológicos, entre outros, condicionam o seu funcionamento quotidiano. Espero que o trabalho aqui desenvolvido possa constituir um contributo relevante, não apenas do ponto de vista dos estudos de Museologia, mas sobretudo para o Núcleo Museológico Urbano. O diagnóstico irá permitir compreender quais são as suas forças e fraquezas, o que funciona e o que carece de ser alterado. Quanto à proposta de um regulamento, creio que esta poderá servir como uma útil ferramenta de trabalho, capaz de facilitar as operações quotidianas.

Optei por organizar o trabalho em três capítulos principais, dedicados respetivamente ao Bairro da Bela Vista, ao Núcleo Museológico da Bela Vista e ao seu diagnóstico, e à proposta do regulamento com vista à sua concretização num programa museológico. Assim, o primeiro capítulo é dedicado ao Bairro da Bela Vista, de forma a contextualizar a existência e importância do NMU. O segundo capítulo apresenta o Núcleo e o respetivo diagnóstico,

compreendendo informações sobre a localização, a tutela, os recursos humanos, a coleção, o serviço educativo e as estratégias de comunicação e divulgação.

Quanto ao terceiro capítulo, este apresenta a proposta de um regulamento, com vista à futura e mais concreta aplicação num programa museológico para o NMU, propondo uma definição da sua missão, vocação e objetivos, um modelo de gestão, aspetos relacionados com a gestão dessa coleção, medidas para o bom funcionamento do serviço educativo e contributos para a definição de estratégias de comunicação e divulgação. O objetivo principal que tracei para este trabalho foi, efetivamente, o de uma proposta para a criação de um regulamento, que possa vir a servir ao Núcleo Urbano como uma ferramenta facilitadora das suas funções. Através dele, espero de alguma forma contribuir para a divulgação do NMU e para que este venha a atingir todo o seu potencial.

No que à metodologia diz respeito, recorri à recolha de vários recursos bibliográficos dedicados ao tema da programação e planificação em museus, a relatórios disponibilizados ao público pela Câmara Municipal de Setúbal e pelo Observatório Social da Bela Vista, a visitas ao NMU, a vídeos documentários e a entrevistas informais com os funcionários afetos ao Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista.

O texto deste trabalho foi redigido segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico.

2. O Bairro da Bela Vista, Setúbal

Geograficamente, podemos situar o Bairro da Bela Vista na cidade de Setúbal. Esta última é capital de distrito, inserida na sub-região da Península de Setúbal (NUT III) e na região de Lisboa (NUT II), e faz parte da Área Metropolitana de Lisboa (AO – Oficina de Arquitetos Lda, 2007a, p.9).

As origens do Bairro da Bela Vista remontam ao período após os anos 50, do século XX. As diversas indústrias que se foram instalando na cidade de Setúbal aumentaram exponencialmente as oportunidades de trabalho na região, o que se traduziu consequentemente num extraordinário fluxo migratório, proveniente de diversas zonas do país, mas especialmente das áreas rurais. Como seria de esperar, este aumento demográfico veio de certa forma criar uma situação precária, no que diz respeito aos espaços habitacionais. (AO – Oficina de Arquitetos Lda, 2007a, p.9) Como resposta a esta precariedade, o Fundo de Fomento de Habitação¹ elaborou um plano que levou à construção do Bairro da Bela Vista, onde se instalou, numa primeira fase de ocupação, a população que trabalhava nas indústrias locais (AO – Oficina de Arquitetos Lda, 2007a, p.10).

Posteriormente, nos finais dos anos 70 do século XX, construídos os primeiros blocos habitacionais, o bairro veio a receber um outro tipo de populações, que viviam anteriormente em bairros de lata, maioritariamente desempregadas e bastante diversas quanto à origem geográfica, cultural, étnica e religiosa (Câmara Municipal de Setúbal, 2009, p.5).

Atualmente, o Bairro da Bela Vista é constituído por três unidades urbanas distintas: o Bairro Amarelo, o Bairro Azul e o Bairro Rosa. O Bairro Amarelo (ou Bairro da Bela Vista) terá sido o primeiro a ser construído. Os blocos habitacionais que o constituem têm como característica principal a existência de amplos pátios interiores e vazados comuns (AO – Oficina de Arquitetos Lda, 2007a, p.10-11). Estes vazados, no entanto, têm vindo a ser fechados ou ocupados por sedes de organizações socioculturais e por equipamentos sociais de várias instituições instaladas no bairro. É ocupado maioritariamente por população caucasiana² (AO – Oficina de Arquitetos Lda, 2007a, p.10-11). O Bairro Azul (ou Forte da Bela Vista) foi construído nos anos 80 do século XX. É constituído por seis blocos de dois lotes cada,

¹ Fundo de Fomento de Habitação (FFH) – Atualmente extinto, este fundo foi criado em 1969 com o principal objetivo de combater a criação de bairros abarracados, ou clandestinos, através da criação de infraestruturas apropriadas, capazes de acompanhar o rápido crescimento demográfico em determinadas zonas de Portugal.

² População branca, de origem portuguesa.

separados por pátios comuns. Atualmente é o que demonstra mais sinais de degradação. É ocupado maioritariamente por uma população de etnia cigana (AO – Oficina de Arquitetos Lda, 2007a, p.10-11). O Bairro Rosa (ou Alameda das Palmeiras) foi o último a ser construído, no início dos anos 90, do século XX. É constituído por blocos de cinco lotes, sendo o mais aberto e funcional dos três bairros. É ocupado maioritariamente por uma população de origens africanas (AO – Oficina de Arquitetos, 2007a, p.10-11).

Do ponto de vista socioeconómico, a população que habita o Bairro da Bela Vista é bastante carenciada. Existem constantes problemas de exclusão social. A taxa de desemprego entre os moradores é bastante elevada e o nível de instrução bastante baixo (Câmara Municipal de Setúbal, 2009, p.18). A convivência entre grupos bastante heterogéneos, quer em termos culturais, quer relativamente ao modo e trajetória de vida, cria por vezes situações de conflito e violência entre os moradores do bairro ou com elementos externos. São frequentes roubos, atos de vandalismo e problemas associados ao consumo de álcool e drogas. A degradação dos edifícios e espaços exteriores é evidente. O lixo acumula-se pelo Bairro e o cuidado com a manutenção dos espaços comuns é praticamente inexistente (AO – Oficina de Arquitetos Lda, 2007a, p.22-24).

A imagem que transparece do Bairro da Bela Vista é a de um bairro problemático, degradado e violento, onde reinam a insegurança e a pobreza. É difícil dissociá-lo dos estereótipos que ao longo do tempo lhe têm sido atribuídos, assim como do estigma que estes trazem consigo, sendo a comunicação social a principal fonte da sua divulgação (AO – Oficina de Arquitetos Lda, 2007a, p.24-29). Foi essa imagem negativa que levou a que se procurasse transformar o Bairro da Bela Vista. Não só do ponto de vista físico, através da reabilitação de edifícios e espaços públicos, mas também através da mudança de mentalidade entre os próprios moradores (AO – Oficina de Arquitetos Lda, 2007b, p.10). Assim surge o programa RUBE – Regeneração Urbana da Bela Vista e Zona Envolvente, como estratégia criada pela Câmara Municipal de Setúbal, em parceria com outras agentes económicos e sociais da cidade (Câmara Municipal de Setúbal, 2009, p.3).

Desde a apresentação de uma proposta em 2009 e até aos dias que correm, foram levadas a cabo pelo RUBE várias ações no sentido de promover a regeneração do bairro e de melhorar significativamente a vida das populações que o habitam. De entre elas salientam-se a criação do Observatório Social da Bela Vista, os estudos efetuados aos modos de vida da população residente, as ações ao nível social desenvolvidas pelos Serviços Municipais do

Gabinete da Bela Vista, para além do envolvimento dos moradores na criação das peças escultóricas que vieram a ser integrados no projeto do Núcleo Museológico Urbano (Câmara Municipal de Setúbal, 2009, p.3).

De um modo geral, tanto a CMS como as instituições presentes no bairro têm vindo a trabalhar no sentido de combater a exclusão social e de o libertar do estigma associado. Para isso, apoiam-se não só nas ações acima mencionadas, mas vão apostando em estratégias que fomentem a autoestima e as capacidades empreendedoras da população, o combate ao abandono e insucesso escolar, a qualificação profissional e a efetiva recuperação do tecido urbano e dos espaços comuns (AO – Oficina de Arquitetos Lda, 2007b, p.12-14).

3. O Núcleo Museológico da Bela Vista

3.1. O Projeto

O Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista (NMU), também conhecido por “O Museu está na Rua”, situa-se no Bairro da Bela Vista, em Setúbal. O NMU surge no contexto de um programa de reabilitação urbana do bairro, o RUBE – Regeneração Urbana da Bela Vista e Zona Envolvente, sendo um entre vários outros projetos desenvolvidos pela Câmara Municipal de Setúbal, em conjunto com outras instituições, que pretendiam não só a recuperação do espaço físico, mas também a criação de estratégias de intervenção social.

Foram investidos no projeto do Núcleo Museológico Urbano cerca de 300.000,00 Euros, sendo que metade desse valor terá sido investido pela Câmara Municipal de Setúbal e o restante pelo FEDER (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional). Estiveram também envolvidas neste projeto instituições como o Instituto de Emprego e Formação Profissional, a Fundação Escola Profissional de Setúbal e o CLDS (Contratos Locais de Desenvolvimento Social) (Câmara Municipal de Setúbal, 2009, p.28).

Como referi no primeiro capítulo, o Bairro da Bela Vista é um bairro carenciado, onde a maioria da população tem um baixo nível de instrução e a taxa de desemprego é bastante elevada. Para quem o habita são poucas as oportunidades e reduzidas as expectativas de alcançar um futuro melhor. Luta-se diariamente contra o desalento, o abandono e a exclusão social. A degradação do espaço físico, público e privado, reflete-se na falta de bem-estar e no espírito dos moradores, e contribui para manter viva a imagem de um bairro degradado, onde reina a insegurança e onde quem vem de fora não é bem-vindo (AO – Oficina de Arquitetos Lda, 2007a, p. 24).

O projeto de criação do Núcleo Museológico Urbano propunha que se revitalizassem os espaços exteriores, com a colocação de várias peças escultóricas, tornando-os mais apelativos para um potencial público de não-moradores do bairro. Pretendia fazê-lo com a colaboração dos moradores, envolvendo-os no processo criativo, incorporando assim uma parte da identidade das várias comunidades que compõem a população do Bairro da Bela Vista. Ao mesmo tempo, deveria refletir-se o passado industrial da cidade de Setúbal, uma vez que este também marcou a origem do bairro. Para isso, na construção das suas peças escultóricas utilizaram-se vários materiais desativados, resgatados aos estaleiros locais, posteriormente transformados plasticamente (Câmara Municipal de Setúbal, 2009, p.41).

Podemos então dizer que o Núcleo Museológico Urbano foi criado com dois objetivos principais em mente. O primeiro seria contribuir de alguma forma para a reabilitação física do espaço público do Bairro da Bela Vista. O segundo seria servir de polo agregador das várias comunidades que constituem o Bairro, envolvendo-as num projeto coletivo, ajudando-as na formação de uma identidade comum e de um sentimento de pertença ao espaço e à cidade que habitam.

A componente social que integra o projeto do NMU talvez seja a sua marca distintiva dentro do panorama museológico. No fundo, o que se propunha seria uma aposta no empoderamento e no reforço da autoestima dos moradores do bairro e uma forma de combater o estigma que sobre eles recai, a precariedade socioeconómica e a violência (Ferreira, 2015, pp.48-56).

Passando o papel para a realidade, o Núcleo Museológico foi instalado em duas fases. As esculturas que constituem a sua coleção, encontram-se distribuídas pelo bairro a céu aberto e no espaço público. Cada uma conta a sua história, inspirada muitas vezes nas vivências de quem todos os dias passa por elas, contribuiu para a sua criação ou simplesmente vai tendo o cuidado de zelar por elas, para que não sofram danos físicos.

O ponto que se segue neste trabalho é o diagnóstico ao funcionamento quotidiano do Núcleo, o que está feito ou por fazer, o que funciona e o que pode melhorar. Será que o potencial deste projeto, em que um dos principais objetivos é melhorar a qualidade de vida da população do Bairro da Bela Vista, está a ser aproveitado na totalidade? De que forma é que o NMU faz a diferença no quotidiano destas comunidades? Para além da fase inicial, pré-instalação, os moradores do bairro têm vindo a participar de alguma forma no projeto? E quanto ao público exterior? Existe quem procure visitar o NMU e conhecer o Bairro da Bela Vista? Espero conseguir, no decorrer da minha investigação, obter respostas a estas e outras perguntas que possam surgir.

3.2. Diagnóstico

O diagnóstico museológico tem vindo a tornar-se cada vez mais numa estratégia metodológica essencial quando falamos na avaliação do funcionamento ou na reestruturação de museus (Cândido e Rosa, 2014, p.160). Este constitui a análise de um conjunto de fatores, que nos vai permitir traçar um quadro abrangente relativamente ao desempenho de um museu. Regra geral, o diagnóstico é feito através do levantamento e análise de dados de diversas origens (Cândido, 2013, p. 202, *in* Cândido e Rosa, 2014, p.160), que no final nos permitirão compreender as instituições, os seus perfis e vocações, para além de contribuírem para que possamos trabalhar na priorização de ações de qualificação e reestruturação (Cândido, 2010, p.128). Esta análise transversal é bastante útil, visto que nos permite identificar uma série de fatores, externos e internos, que influenciam o funcionamento quotidiano de um museu (Cândido, 2014, p.54-56). O diagnóstico permite-nos, de forma objetiva e metódica, identificar as potencialidades de uma instituição e as suas lacunas, e a partir daí desenhar um plano a longo prazo de acordo com as suas necessidades reais (Cândido, 2010, p.129).

Sendo o principal objetivo deste trabalho a elaboração de uma proposta de um programa para o Núcleo Museológico Urbano, parece-me lógico que se faça um diagnóstico atual ao seu desempenho, que me ajude a apontar as principais deficiências no seu funcionamento, de forma a poder contorná-las, e que me ajude também a perceber quais os pontos fortes que podem ser aproveitados. Nas palavras de Manuelina Duarte Cândido e Mana Rosa, “(...) *o diagnóstico completo da instituição, pela apreciação de aspetos globais do seu funcionamento, forma a base para a elaboração do plano museológico*” (Cândido, 2013, p. 202 *in* Rosa, 2014, p.161). Este segundo ponto do Capítulo 3 será então um diagnóstico do NMU, que deverá incluir informação sobre a localização, a tutela, os recursos humanos, a coleção, o serviço educativo e a comunicação e divulgação.

3.2.1. Localização

Geograficamente, podemos situar o Núcleo Museológico Urbano no Bairro da Bela Vista, que por sua vez se localiza na cidade de Setúbal, concelho e distrito de Setúbal (Fig.1).

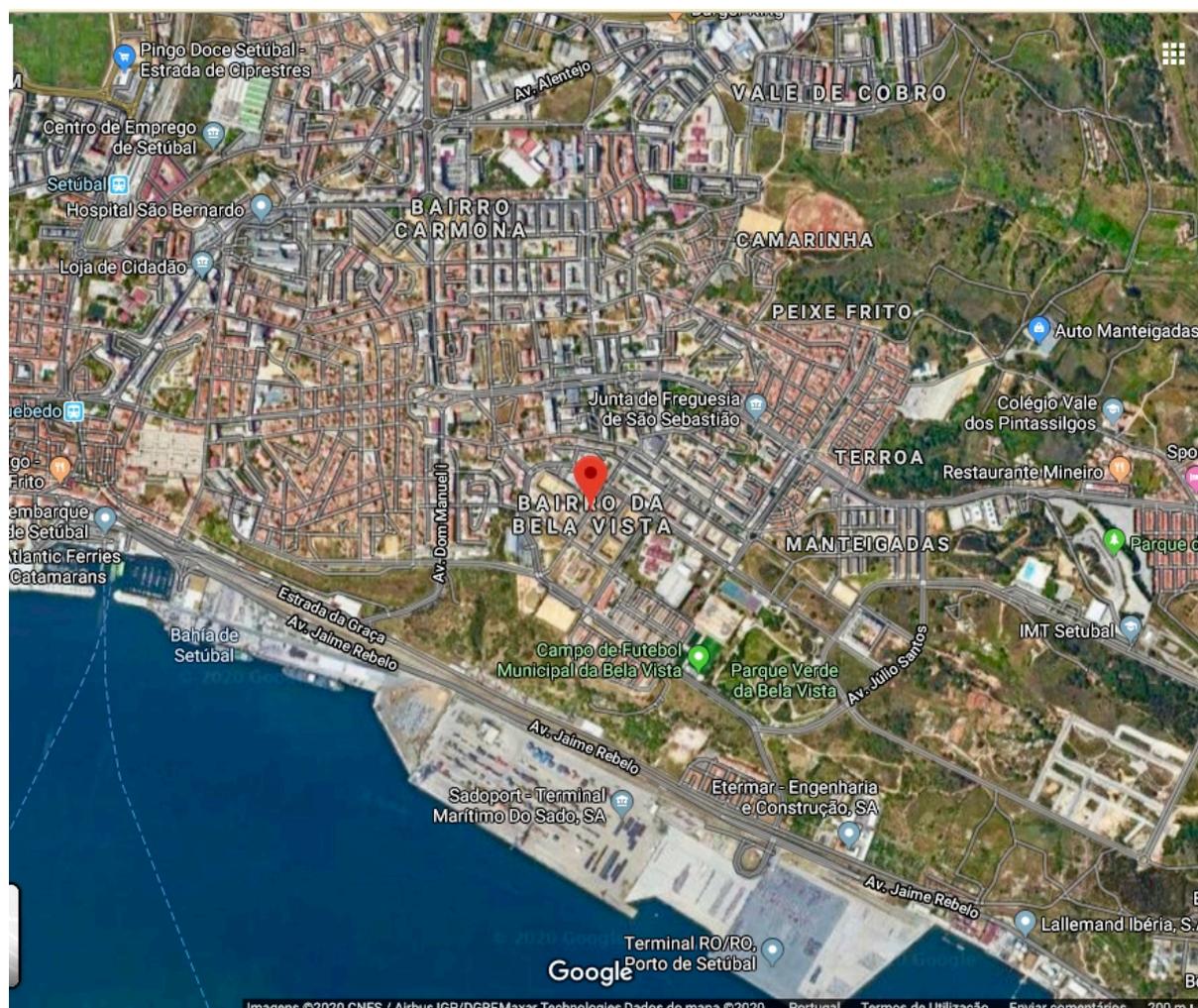


Fig. 1 – Mapa da Localização do Bairro da Bela Vista. Fonte: Google Maps [consultado a 23 de janeiro de 2020]

Sendo o Núcleo Museológico Urbano um museu sem edifício, podemos encontrar a sua coleção espalhada pelos vários espaços públicos do Bairro da Bela Vista³ (Fig.2). Esta particularidade levou a que o NMU ganhasse também o mencionado título de “O Museu Está na Rua”, pelo qual é também conhecido pelos moradores do bairro e da cidade e pela Câmara Municipal de Setúbal. Para os aspetos logísticos, o Núcleo Museológico Urbano funciona a partir de uma sala no Polo da Biblioteca Municipal de Setúbal na Bela Vista.

³ Tal como referido no Capítulo 1, o Bairro da bela Vista é composto por três bairros diferentes, pelos quais foi feita a distribuição das peças escultóricas que constituem a coleção do NMU.

Como referi no Capítulo 1, o Bairro da Bela Vista é um bairro cuja imagem está fortemente associada à degradação e à violência (AO – Oficina de Arquitetos Lda, 2007a – p.24). A instalação do NMU no bairro é o resultado de uma iniciativa do projeto RUBE, numa tentativa de combater a degradação física e socioeconómica através da arte, tornando a zona mais atrativa quer para os próprios moradores, quer como uma estratégia de promoção para eventuais visitantes (Câmara Municipal de Setúbal, 2009, p.41).

Contudo, como constatei, ao longo do meu processo de investigação, a localização e a sua reputação, entre outros fatores⁴, pode ser uma condicionante, complexa de ultrapassar, à afluência de visitantes ao Núcleo Museológico Urbano no que diz respeito aos visitantes. Deambular pelo Bairro da Bela Vista é algo que os não-moradores podem ainda encarar como sendo um risco à sua integridade física, o que pode levar a que, na maioria das vezes, não arrisquem uma visita espontânea, especialmente em relação às peças instaladas nos pátios interiores dos diferentes bairros.

3.2.2. Tutela

A tutela do Núcleo Museológico Urbano está a cargo da Câmara Municipal de Setúbal, especificamente da Divisão de Bibliotecas e Museus do Departamento de Cultura, Desporto, Direitos Sociais e Juventude.

3.2.3. Recursos Humanos

Os escassos recursos humanos envolvidos neste projeto são um dos elementos obstaculizadores de um maior sucesso. De facto, no que diz respeito aos recursos humanos, do que me foi possível apurar junto do chefe de divisão da Divisão de Bibliotecas e Museus da Câmara Municipal de Setúbal, Dr. José Luís Catalão⁵, estão neste momento afetos ao projeto do NMU apenas duas pessoas: o Dr. Jorge Guerreiro e a Dra. Vanda Narciso⁶. Além disso, por desempenharem outras funções dentro da Câmara Municipal de Setúbal, estão impedidos de se dedicar a este projeto a tempo inteiro. Ainda segundo o Dr. José Luís Catalão, por ser um

⁴ Fatores como a falta de comunicação e divulgação ou a falta de recursos humanos.

⁵ Entrevista informal realizada no dia 7 de janeiro de 2020, no Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal.

⁶ O Dr. Jorge Guerreiro, formado na área da História, trabalha atualmente na Divisão de Bibliotecas e Museus, no Polo da Biblioteca Municipal na Bela Vista e a Dra. Vanda Narciso, formada na área da Psicologia, trabalha atualmente na Divisão dos Direitos Sociais.

núcleo museológico, a Câmara Municipal de Setúbal considera que não se justifica a formação de um quadro de pessoal permanente para o Núcleo Museológico Urbano. Por outro lado, o volume de trabalho existente de momento é apontado como não sendo suficiente para a contratação de recursos humanos ou para a redistribuição a partir de outros departamentos.

O principal problema que identifiquei relativamente aos recursos humanos é esta espécie de impasse em que, por um lado, o volume de trabalho existente não justifica a contratação de mais meios humanos, e por outro, a constatação de que sem que exista pessoal suficiente, e com formação técnica, para desenvolver o projeto, dificilmente se poderão vir a criar e dinamizar atividades em número suficiente para fundamentar a criação de um quadro de pessoal permanente para o NMU.

3.2.4 – A Coleção

O termo coleção remete para a existência de um determinado número de objetos, agrupados de forma a formar conjuntos com uma determinada coerência. Esse conjunto é normalmente utilizado de forma a servir como meio de comunicação, entre quem o observa e um mundo de história por contar, que pode ou não existir ainda (Pomian, 1994, pp.173). No caso do Núcleo Museológico Urbano, a sua coleção é constituída por um conjunto de dezasseis esculturas, contruídas a partir de diversos componentes de equipamentos industriais desativados, doados por várias empresas⁷ da região, e aos quais foi dada uma nova vida pela mão do escultor João Limpinho (Câmara Municipal de Setúbal, 2009, p. 41).

João Limpinho, licenciado em Escultura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa⁸, foi selecionado, de entre outros artistas, através de concurso público. Enquanto escultor, a sua obra usa o ferro e materiais industriais e reciclados para a criação das peças. Nascido em 1947, João Limpinho faleceu em 2015, deixando não só a coleção do NMU, como também várias outras obras espalhadas pelo país⁹.

Como já foi dito anteriormente, sobre a origem do Núcleo, a criação destas esculturas tem como pano de fundo um projeto mais lato de requalificação da área urbana. Contudo, estas

⁷ Entre elas as Águas do Sado, a EDP – Central Termoelétrica de Setúbal, a Etermar, a Lisnave, a Machete & Machete, a Portucel, a Rebosado e a Secil.

⁸ Associação dos Antigos Alunos da E.I.C.E. – Escola Gabriel Pereira. Disponível em: <http://aaaeice.blogspot.com/2015/06/joao-limpinho-curriculum.html> [Consultado em 14 de dezembro de 2020]

⁹ Destaco aqui as peças “Pavão” (Grândola), “Sem Título” (Castelo de Sesimbra), “Fada” (Sintra). Disponível em: https://viajaredescobrir.blogspot.com/2010/10/portugal-castelo-escultura_6884.html. [Consultado em 14 de dezembro de 2020]

obras não representam meros elementos decorativos. Ao utilizar materiais provenientes de estaleiros das indústrias locais, o escultor atribui-lhes um contexto e uma simbólica de integração territorial/patrimonial/afetiva, remetendo para o passado industrial da região e para um setor que em tempos terá sido o sustento de várias famílias de moradores do Bairro da Bela Vista (Câmara Municipal de Setúbal, 2009, p.41). Por outro lado, uma vez que, na sua criação, o escultor envolveu os moradores no processo artístico, o autor conseguiu também que as esculturas, que constituem a coleção do NMU, reflitam os valores culturais das diferentes comunidades que habitam o bairro (Ferreira, 2015, p.54).

As dezasseis esculturas que constituem o núcleo encontram-se distribuídas pelos três bairros que compõem o Bairro da Bela Vista¹⁰.

1. “Labirinto”¹¹ – Peça contruída a partir de tubagens de navios, nas quais se encontra envolvida uma série de cadeiras de betão pré-existentes. A escultura, maioritariamente pintada de cinzento, serve também de tela para as crianças que frequentam o ensino pré-escolar numa escola do agrupamento local. As cadeiras de betão que aqui se encontram teriam como destino a demolição. A sua recuperação não teve por isso custos. Evitando a sua destruição, o escultor optou por incluí-las no circuito do labirinto. Esta escultura pretende remeter para o conceito de labirinto enquanto espaço que se percorre à procura de uma saída, mas também enquanto espaço protegido e propício ao descanso. As cadeiras de betão, entre tubagens, são acompanhadas por superfícies planas, e são elas que oferecem ao público um espaço onde podem sentar-se, descansar e relaxar. Esta escultura está situada dentro de um dos pátios do Bairro, junto à Avenida da Bela Vista. O equipamento a partir do qual foi feita esta escultura foi doado pela Lisnave.
2. “Cadmó”¹² – Esta obra vai buscar o seu nome à figura homónima da mitologia Grega, fundador da cidade de Tebas e introdutor do alfabeto fenício na Grécia, que acabou por dar origem ao alfabeto grego. Esta ligação ao alfabeto grego será a razão pela qual esta peça está instalada à porta da Biblioteca Municipal do Polo da Bela

¹⁰Anexo A.

¹¹ Anexo B, Fig. 1.

¹² Anexo B, Fig. 2.

Vista. Esta peça é construída a partir de elementos metálicos, oriundos de grelhagens não especificadas, sobre uma base feita a partir de um condensador/arrefecedor de um navio, apoiada numa chapa metálica com letras integradas. Para além disso, o nome “Cadmo” está inscrito na escultura com letras em ferro, que fizeram parte dos elementos identificadores de navios, recuperadas nos estaleiros navais da região. Os elementos constituintes desta escultura foram doados pela Lisnave.

3. “Estendal”¹³ – Esta peça foi construída a partir de uma chapa de cofragem. Nesta peça podemos ver estendidos os bikinis que terão sido removidos aos corpos representados ao lado, todos eles recortados na chapa. O escultor representa através desta peça os inúmeros estendais de roupa que se vão impondo visualmente na paisagem do bairro, ao mesmo tempo que remete para a cultura balnear da região e para as praias do concelho. Os equipamentos que constituem esta escultura foram doados pela Etermar.
4. “Asas”¹⁴ – Formada por um enorme tubo vertical, em cujo topo se acrescentou um outro, mais curto, com duas saídas opostas, dessas saídas partem duas armações abertas, que imitam a estrutura de duas asas. O conceito por detrás desta peça relaciona-se com a simbologia das asas, enquanto representantes de liberdade, do sonho e da viagem. Por essa razão, foi instalada junto à Sede da Associação de Para-Quedistas de Setúbal. Os equipamentos constituintes desta escultura foram doados pela Lisnave.
5. “Radar”¹⁵ – Esta escultura é constituída por uma pérgula que serve de suporte a uma torre de radar, proveniente de um navio. O propósito desta escultura será servir como símbolo de orientação e ponto de encontro. Os equipamentos utilizados na construção desta peça foram doados pela Lisnave.

¹³ Anexo B, Fig. 3.

¹⁴ Anexo B, Fig. 4.

¹⁵ Anexo B, Fig. 5.

6. “Casal Cigano”¹⁶ – Constituída por duas estruturas metálicas, sobre uma base de pedra, e uma roda de carroça, também em metal, instalada de um dos lados, homenageia outra comunidade com enorme representação no Bairro da Bela Vista. Uma das estruturas representa uma figura feminina, a mulher cigana, em que as formas da escultura remetem para o vestuário e adornos típicos das mulheres desta etnia. A outra estrutura representa a figura do homem cigano. A roda de carroça aparece também como um símbolo associado às comunidades ciganas, como sendo um dos seus meios de transporte. Para além do carácter de homenagem, a escultura tem como função servir de ponto de encontro, de espaço de descanso e convívio. Os elementos utilizados para a construção desta escultura foram doados pela Lisnave.

7. “África”¹⁷ – Feita a partir de dois elementos em chapa, esta peça apresenta um elemento vertical que assenta num outro horizontal, sendo visível atrás, através de uma janela recortada na chapa vertical, um tubo colorido. Mas é o desenho de uma cara, que em traços simples retrata um indivíduo de origem africana, que acaba por se destacar no todo desta peça. Esta escultura é uma homenagem às comunidades de origem africana instaladas desde há muito no Bairro da Bela Vista. Os elementos em chapa a partir dos quais foi construída esta peça foram doados pela Lisnave.

8. “Abraço”¹⁸ – Esta escultura representa um sistema de vasos comunicantes, conseguido através da ligação de duas válvulas e várias outras tubagens, num circuito contínuo. Pretende transmitir a ideia de um abraço, de calor humano. O circuito fechado remete para a ideia não só da circulação de fluídos nas máquinas, como para a circulação dos mesmos no corpo humano, através do sistema circulatório, o que nos mantém vivos e quentes, transmitindo assim também a ideia de calor. Os constituintes desta peça foram doados pela Lisnave.

¹⁶ Anexo B, Fig. 6.

¹⁷ Anexo B, Fig. 7.

¹⁸ Anexo B, Fig. 8.

9. “Sol e Lua”¹⁹ – A presente escultura é constituída por dois elementos, cada um deles um poste alto em cujo topo assenta um astro, de um lado o sol, do outro a lua. Esta escultura está associada ao binómio sol/lua, dia/noite. Os equipamentos utilizados para a construção desta peça foram doados pela Câmara Municipal de Setúbal e pela Lisnave.

10. “Tampas”²⁰ – Esta peça consiste numa série de tampas de condutas de saneamento, instalados em fila, no chão, sobre uma faixa de cimento. Esta escultura pretende ser uma chamada atenção para as coisas que fazem parte do nosso dia-a-dia, mas a que muitas vezes nem prestamos atenção. Os equipamentos aqui presentes foram doados pelas Águas do Sado.

11. “Válvulas”²¹ – Consistindo, como o próprio nome indica, num conjunto, sem qualquer tipo de transformação plástica ou intervenção, estes componentes apenas estão expostos tal como se encontrariam se estivessem no seu contexto original. Os equipamentos que constituem esta peça foram doados pela EDP – Central Termoelétrica de Setúbal.

12. “5 Continentes”²² – Este conjunto de figuras antropomórficas, com os braços abertos, sobre um plano horizontal de consideráveis dimensões, representa os cinco continentes e o universo multicultural das comunidades de diferentes etnias que habitam no Bairro da Bela Vista. O plano horizontal, sobre o qual assentam as figuras, pretende servir como palco para diversas atividades. Os equipamentos utilizados na construção desta escultura foram doados pela Etermar.

13. “Metamorfose”²³ – Peça constituída por vários elementos semelhantes. No cimo de altos postes encontramos uma série de borboletas, cujas asas são feitas a partir

¹⁹ Anexo B, Fig. 9.

²⁰ Anexo B, Fig. 10.

²¹ Anexo B, Fig. 11.

²² Anexo B, Fig. 12.

²³ Anexo B, Fig. 13.

de portas de automóveis, os corpos de para-choques e as cabeças de outras partes constituintes de veículos. A pintura de cada uma destas borboletas foi feita por alunos de todas as escolas do Agrupamento Escolar de Ordem de Santiago, cuja sede está instalada no Bairro da Bela Vista. O conceito por trás desta peça está relacionado com a ideia de transformação e, para esse efeito, é feita a retirada periódica destas borboletas, para que possam ser redecoradas pelas crianças do agrupamento escolar. Os equipamentos aqui presentes foram doados pela Câmara Municipal de Setúbal – Parque Municipal de Poçoilos.

14. “Plano-Sequência”²⁴ – Obra feita a partir de um autocarro inutilizado, que o escultor dividiu em quatro partes e colocou numa parede. A ideia seria criar uma estrutura que permitisse aos jovens do Bairro da Bela Vista mostrar a sua criatividade, através da pintura dos espaços vazios, como as janelas e portas do autocarro. Esta peça foi instalada junto de uma via rodoviária de passagem rápida, para transmitir a ideia de movimento e ao mesmo tempo chamar a atenção de quem passa, convidando a parar e a apreciar esta escultura. Os equipamentos aqui utilizados foram doados pela Câmara Municipal de Setúbal – Parque Municipal de Poçoilos e pela Machete & Machete.

15. “Despertar”²⁵ – Construída com recurso a uma coluna cilíndrica de grande porte na qual encontramos as palavras “Bela Vista” inscritas com letras de navios e que serve de suporte a um catavento, em forma de galo, esta peça gira a 360°. A escultura tem também uma espécie de porta e um banco que convida ao descanso. Está instalado na zona do Bairro do Forte²⁶, no limite da escarpa, entre o Bairro da Bela Vista e a Baía de Setúbal. Oferece a quem lá passa a oportunidade de se sentar e apreciar a vista para o mar e para a serra, a partir da Bela Vista.

“Sem Título”²⁷ – Representa uma cruz de Sant’Iago, numa estrutura de metal, esta escultura encontra-se junto à sede do Agrupamento Escolar da Ordem de Sant’Iago

²⁴ Anexo B, Fig. 14.

²⁵ Anexo B, Fig. 15.

²⁶ Um dos três bairros que constituem o Bairro da Bela da Vista.

²⁷ Anexo B, Fig. 16.

e serve não só para assinalar a localização do mesmo, mas também para reconhecimento da sua participação no projeto.

É possível encontrar toda esta informação sobre as esculturas que compõem a coleção do NMU nos panfletos disponibilizados pela Câmara Municipal de Setúbal, que podem ser adquiridos no Polo da Biblioteca Municipal da Bela Vista. No entanto, junto das peças não existe qualquer tipo de identificação específica ou descrição. Esta questão será abordada no ponto 3.2.6. deste trabalho.

Não existindo, como mencionado, um edifício, e estando a coleção instalada ao ar livre e em espaço público, levantam-se alguns problemas relacionados com a conservação preventiva e com a integridade física das peças. De acordo com o que me foi possível averiguar junto da Divisão de Bibliotecas e Museus da Câmara Municipal de Setúbal²⁸, a manutenção da coleção é uma das principais dificuldades enfrentadas atualmente pelo NMU. A exposição constante aos elementos naturais, como a chuva e o vento, e a sua localização junto do mar, representam um risco para a integridade destas peças, visto que os materiais que as constituem são na sua totalidade de origem metálica. Para além disso, os atos de vandalismo e os danos acidentais são outra das preocupações dos responsáveis do Núcleo, uma vez que não existem quaisquer medidas preventivas em ação, de momento.

Sobre a coleção do NMU, penso que a prioridade no futuro, para além das questões museográficas, será definir uma estratégia coerente de conservação preventiva e garantir a integridade física permanente das esculturas. Esta estratégia poderá incluir, por exemplo, uma inspeção periódica das peças por técnicos de conservação e restauro, a criação de barreiras físicas, sempre que possível, em redor das peças, e ainda a contratação de patrulheiros que durante o dia circulem pelo bairro, de forma a impedir atos de vandalismo contra as esculturas. Já no que diz respeito ao período noturno, e na ausência de outros meios de segurança e vigilância, a melhor estratégia a adotar será a sensibilização da população, para que estas possam vir a sentir as peças desta coleção como parte do seu quotidiano e da sua identidade cultural, e a partir daí contribuam para que se mantenham seguras. A mesma estratégia de sensibilização poderá ser

²⁸ Entrevista informal realizada no dia 7 de janeiro de 2020, no Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal.

adotada relativamente às peças cujo propósito é que o público usufrua da sua instalação no espaço público, como por exemplo as peças “Labirinto”, “Casal Cigano” ou “Despertar”²⁹.

3.2.5 – Serviço Educativo

O Serviço Educativo dentro de um museu – ou em qualquer instituição com funções museológicas – tem grande relevância no que diz respeito à mediação (e formação educativa) entre este e o seu público. A sua função passa pelo desenvolvimento de atividades que promovam a educação e o desenvolvimento cultural das comunidades onde se inserem. (Neves (Coord.) *et al.*, 2013, p.83)

Existe alguma informação contraditória relativamente ao serviço educativo do NMU. A página oficial da Câmara Municipal de Setúbal³⁰ dá conta da existência de um conjunto de atividades, “Descobrir o Museu Está Na Rua!”, que consistem em visitas guiadas por percursos temáticos pré-determinados, adaptados a diferentes faixas etárias, e também na participação em ateliers relacionados com as peças em exposição³¹. Segundo a informação que consta na página, o serviço educativo é igualmente responsável pela organização de um projeto pedagógico intitulado “Festival da Primavera”, cujo principal objetivo é a participação de alunos de 1º ciclo de diferentes agrupamentos escolares do Concelho na transformação periódica da escultura “Metamorfose”³². De acordo com a página, para participar em qualquer destas atividades basta que se faça uma marcação prévia.

Contudo, quando questionado em entrevista informal³³, o chefe da Divisão de Bibliotecas e Museus da Câmara Municipal de Setúbal, Dr. José Luís Catalão, afirmou que de momento não existem quaisquer atividades a decorrer através do serviço educativo. Aliás, ainda segundo este, as atividades divulgadas na página associada ao Núcleo Museológico são apenas uma proposta, elaborada em parceria com a Escola Superior de Educação do Politécnico

²⁹ Peças que permitem que o público as utilize como banco, para relaxar ou descansar durante uma caminhada pelo bairro.

³⁰ Página da Câmara Municipal de Setúbal – Núcleo Museológico Urbano: <https://www.mun-setubal.pt/museu-esta-na-rua/?highlight=nucleo%20museol%C3%B3gico%20urbano> - [Consultado em 27 de janeiro de 2020]

³¹ Ver Anexo C.

³² A peça em questão foi concebida com o propósito de ser periodicamente transformada, promovendo a participação direta dos alunos no NMU.

³³ Entrevista informal realizada no dia 7 de janeiro de 2020, no Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal.

de Setúbal. Esta proposta, pelo que pude perceber, acaba por não sair do papel, visto que não foram disponibilizados os meios e recursos necessários à realização destas atividades.

A única atividade que foi posta realmente em prática, por duas vezes, foi a do “Festival da Primavera”, a última no ano letivo de 2016/2017. Da observação das atividades propostas, pode concluir-se que são as crianças e os jovens, em idade escolar, o público alvo do Núcleo Museológico.

A principal dificuldade que o serviço educativo do NMU atravessa neste momento é a falta de pessoal. O número de funcionários afetos ao projeto resume-se ao Dr. Jorge Guerreiro e à Dra. Vanda Narciso. Esta última, formada em Psicologia e a ocupar um cargo numa outra divisão da Câmara Municipal, é de momento a única responsável pelo serviço educativo, e torna-se impossível que consiga não só pôr em prática todo o conjunto de atividades propostas, como também receber todas as potenciais visitas³⁴.

Seja pela falta de oferta de atividade, ou pela falta de procura, desde a sua instalação até ao momento presente, as visitas ao Núcleo Museológico, através de vias oficiais, foram bastante escassas. Segundo a informação fornecida pela Divisão de Bibliotecas e Museus da Câmara Municipal de Setúbal³⁵, os visitantes pertencem maioritariamente ao público escolar, à exceção de pequenos grupos, amigos do já falecido autor das esculturas, João Limpinho.

Pelo que pude observar, a questão dos recursos humanos, referida no ponto 3.2.3., é o principal fator condicionante da atuação do serviço educativo. A questão da (não) contratação de pessoal, em particular de pessoal qualificado, uma vez que o volume de trabalho não o justifica, reflete-se neste departamento, mas de uma outra forma. Isto é, a falta de pessoal qualificado condiciona a oferta de atividades de qualquer tipo, o que por sua vez faz com que o Núcleo se torne pouco atrativo para o público. O desinteresse por parte do público, pela falta de opções, por seu lado, faz com que a formação de um quadro de pessoal para o Núcleo seja entendida como dispensável, constituindo um ciclo vicioso que impede o projeto de crescer e de se tornar relevante, como sustentarei adiante.

³⁴ Entrevista informal realizada no dia 7 de janeiro de 2020, no Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal.

³⁵ Entrevista informal realizada no dia 7 de janeiro de 2020, no Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal.

3.2.6. Comunicação e Divulgação

Segundo a definição de museu apresentada pelo ICOM³⁶, “O museu é uma instituição (...) que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade (...)”. Nas últimas décadas, os museus têm vindo a focar-se crescentemente em estratégias de comunicação da sua imagem. Seja pelos cortes constantes ao financiamento, seja pelo aumento da concorrência³⁷, estas instituições apercebem-se cada vez mais da necessidade de criar estratégias de comunicação e promoção de tudo aquilo que têm para oferecer (Mork, 2004, p.161). Um museu comunica com o seu público de várias formas e em várias fases, desde o momento em que este se torna uma opção para um potencial visitante, durante uma visita e, nalguns casos (e desejavelmente), até posteriormente. Cada vez mais, surge a necessidade de os museus competirem entre si pela atenção do público, sendo que estas instituições têm vindo a desenvolver uma série de estratégias de comunicação para o fazer (Remelgado, 2014, pp.116-118). Estas estratégias devem ser adaptadas às necessidades específicas de cada museu, tendo em conta as suas características e o seus públicos. Desde a criação de *sites* oficiais, blogues ou páginas oficiais nas redes sociais mais proeminentes, até à publicação de volumes dedicados a áreas de estudo dentro dos temas mais relacionados com o museu, os formatos e instrumentos ao dispor dos profissionais que se dedicam à criação destas estratégias são imensos. (Remelgado, 2014, pp.128-131)

Apesar de o termo “comunicação”, no contexto museológico, ser bastante abrangente, neste ponto do trabalho servir-me-ei dele para falar de comunicação através da exposição e da interpretação do que está exposto. Quando à divulgação que, no fundo, é uma forma (embora muito deficitária, por não envolver uma estratégia mais abrangente de reforço da imagem identitária) de comunicação, será abordada aqui do ponto de vista da difusão de informação relativamente à existência do Núcleo Museológico e dos serviços por ele oferecidos ao público.

Isto é, sendo a comunicação uma função essencial das instituições museológicas, o NMU, enquanto Núcleo Museológico, não deve constituir exceção a esta realidade. Atualmente, no que diz respeito à comunicação, uma visita pelo Núcleo mostrar-nos-á uma grave lacuna neste departamento, nomeadamente no que se prende à inexistência de qualquer tipo de identificação, descrição ou explicação, junto de cada peça. Ou seja, sem a informação

³⁶ Definição de Museu apresentada na página oficial do ICOM. Disponível em: <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/> [Consultado em 05 de fevereiro de 2020]

³⁷ Um museu não concorre apenas contra outras instituições museológicas, mas também com várias outras alternativas lúdicas, desde concertos a idas ao cinema ou ao teatro, até visitas aos grandes centros de consumo como restaurantes e centros comerciais (Remelgado, 2014).

prévia que podemos obter na página do Observatório Social da Bela Vista³⁸ ou sem uma visita acompanhada pelos espaços, qualquer visitante que, por sua iniciativa ou mero acaso, se depare com as esculturas que constituem a coleção do NMU, dificilmente será capaz de reconhecer a intenção com que ali foram instaladas. A comunicação falha a um nível muito básico, cruzando-se com a ausência de projeto pedagógico. De facto, a inexistência de tabelas de identificação ou de qualquer outro tipo de informação escrita sobre as peças, junto delas, constitui uma quebra na comunicação entre o Núcleo Museológico e o público. Consequentemente, constitui uma quebra numa das suas principais funções museológicas. Pelas suas características, de museu ao “ar-livre”, sem um espaço físico delimitado, o NMU enfrenta já sérias dificuldades de comunicação com os seus visitantes. A falta de sinalização e identificação contribui para o aumento do fosso entre o Núcleo Museológico e o seu público. Esta quebra comunicativa entre o NMU e o seu público, a ser resolvida num futuro próximo, irá decerto contribuir para que outras questões, que afetam o funcionamento atual do Núcleo, possam ser resolvidas, nomeadamente a questão dos recursos humanos, uma vez que uma comunicação bem estruturada aliada a uma pedagogia eficaz poderão traduzir-se em mais interesse por parte dos visitantes, em mais visitas, mais trabalho e consequentemente na necessidade de contratar mais pessoal. Para que possa transmitir a sua mensagem ao público no local, um museu tem de ser capaz de atrair até si os visitantes. É por isso que pôr em prática uma estratégia de divulgação da sua existência, em meios diversos, é tão importante.

Há também que ter em conta que, um museu, por muito atrativo que seja, possivelmente não irá agradar a todas as pessoas. Nesse sentido, é importante definir quais serão os grupos-alvo do museu. Do bom conhecimento dos seus públicos dependerá a boa ou má aceitação daquilo que o museu pode oferecer. A partir desse conhecimento devem ser criadas estratégias e devem utilizar-se os meios de comunicação que mais eficazmente chegarão a esses grupos (Mork, 2004, p.161). No caso do Núcleo Museológico, segundo o que me foi possível apurar junto da tutela³⁹, o seu público alvo será o público escolar, logo um dos meios de divulgação utilizado pela tutela é a oferta dos serviços do NMU, juntamente com várias outras atividades destinadas à comunidade escolar, como por exemplo o “Festival da Primavera”, dedicado à

³⁸ Página Oficial do Observatório Social da Bela Vista. Disponível em: <http://observatoriosocialbv.mun-setubal.pt/noticias-e-eventos/eventos/item/393-o-museu-est%C3%A1-na-rua-n%C3%BAcleo-museol%C3%B3gico-urbano> [Consultado em 27 de janeiro de 2020].

³⁹ Entrevista informal realizada no dia 7 de janeiro de 2020, no Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal.

pintura periódica da escultura “*Metamorfose*”, e o “Nova Viagem”, festival bienal de artes urbanas, cujo objetivo será a transformação periódica da escultura “*Plano-Sequência*”⁴⁰.

Para além disso, a divulgação do Núcleo Museológico tem vindo a ser realizada através dos meios de comunicação municipais, como por exemplo a página oficial da Câmara Municipal de Setúbal e o Guia Cultural de Setúbal. Também o Observatório Social da Bela Vista tem feito na sua página algumas publicações relacionadas com o NMU. Em suporte físico existe um panfleto, com uma pequena introdução e explicação do que é o NMU, informação sobre o escultor, a organização e os principais patrocinadores, um mapa da localização de cada escultura e uma breve descrição de cada uma, acompanhada da respetiva fotografia. É possível obter um exemplar no Polo da Biblioteca Municipal na Bela Vista.

No meu parecer, esta é uma estratégia claramente insuficiente. Criar uma mais vasta e adequada estratégia para a promoção dos serviços que o Núcleo Museológico oferece é indispensável, assim como a identificação dos meios mais eficazes para o fazer. Penso que uma boa opção no caso do NMU seria a utilização de suportes, como os mupis ou outdoors publicitários para, em primeiro lugar, comunicar a existência do núcleo. Outra sugestão que me parece adequada a este caso concreto seria a criação de um *site* oficial, independente dos *sites* quer da Câmara Municipal, quer do Observatório Social da Bela Vista, em que regularmente se comunicassem as ofertas de atividades a decorrer neste núcleo museológico, assim como quaisquer atividades futuras. E finalmente, como não poderia deixar de ser nesta Era digital em que vivemos, considero fundamental que o NMU marque presença nas redes sociais, servindo-se de plataformas como o *Facebook*, *Instagram* ou *Twitter*, uma vez que estas permitem um contacto e uma interação mais rápida e direta com o seu público.

No entanto, antes de chegar à fase de promoção há ainda muito que fazer, nomeadamente no que diz respeito aos serviços que o Núcleo pode de facto oferecer. Seria importante, para além de continuar a desenvolver as atividades já existentes, que se criassem outras. Para o público escolar, o foco poderiam ser atividades enquadradas dentro do programa curricular de ensino, dedicadas à história local, a questões de inclusão social ou até mesmo à expressão plástica. As atividades poderiam ser tão simples quanto a criação de esculturas em material reciclado, a apresentação das várias atividades da indústria local utilizando objetos

⁴⁰ Página Oficial da Câmara Municipal de Setúbal. Disponível em: <https://www.mun-setubal.pt/museu-esta-na-rua/?highlight=festival%20da%20primavera>. [Consultado em 25 de novembro de 2019].

com elas relacionados, ou até mesmo uma “viagem” às origens de cada uma das populações que habitam o Bairro da Bela Vista.

Tendo em conta a sua instalação num vasto espaço ao ar livre, a organização de concertos de bandas locais ou a apresentação de peças de teatro, pelas companhias da cidade, poderiam ser opções viáveis em termos de programação cultural, que com certeza apelariam a outro tipo de público, que não o escolar, o que seria também uma mais valia para o NMU.

Como já mencionei, noutros pontos deste trabalho, para que seja possível desenvolver qualquer tipo de atividade, é necessária a formulação de uma equipa que sustente a atividade do Núcleo e que seja capaz de comunicar de forma eficaz com o seu público.

3.3. Considerações sobre o exposto

Em primeiro lugar, parece-me importante salientar que me deparei com algumas dificuldades na recolha de informação sobre o Núcleo Museológico Urbano. Após várias tentativas de contacto com a Câmara Municipal de Setúbal, foi o chefe da Divisão dos Museus e Bibliotecas, Dr. José Luís Catalão, que se disponibilizou para uma entrevista informal, durante a qual foi possível obter os principais dados que suportam este trabalho de diagnóstico.

À medida que fui progredindo na minha análise, constatei que no momento presente o Núcleo Museológico Urbano não passa ainda de um projeto que, embora repleto de potencial, se encontra estagnado. Os motivos desta estagnação são vários e transversais aos diferentes setores do NMU. Penso que os mais óbvios se destacam ao nível da falta de recursos humanos que assegurem o desenvolvimento de atividades estimulantes e atrativas para o público, e que acima de tudo garantam o bom funcionamento do Núcleo.

Penso que, resolvida a questão dos recursos humanos, outros aspetos serão mais facilmente resolvidos. Se considerarmos que os funcionários de um museu representam uma peça chave para garantir o bom funcionamento da instituição, penso que resolvida a questão dos recursos humanos, mais facilmente será possível a resolução de vários outros aspetos. (Boylan, 2004, p.147) Gail e Barry Lord apresentam no seu livro *The Manual of Museum Management* vários modelos segundo os quais se pode organizar um museu (G. Lord e B. Lord, 2009, pp. 28-43), mas independentemente do modelo seguido, o mais importante é que fique claro para cada membro da equipa qual é a sua função dentro do museu. Com um quadro de pessoal qualificado e com funções específicas definidas, afeto de forma permanente ao Núcleo seria de certo possível a divisão de tarefas, a organização do serviço educativo, a criação de

um programa de conservação preventiva e o desenvolvimento de estratégias de comunicação e divulgação mais eficazes, tendo em conta que cada vez mais as instituições museológicas se veem confrontadas diariamente com questões que vão desde a utilização de novas tecnologias à elaboração de estratégias de *marketing* (G. Lord e B. Lord, 2009, p.42).

Existe também a questão da vertente inclusiva do Núcleo Museológico. Como referi num dos pontos deste diagnóstico, a sua origem surge associada a um projeto maior, de reabilitação urbana e social de um bairro degradado e afetado pela pobreza e pela exclusão. Ao longo de todo o processo criativo, o escultor foi contando com a participação dos moradores do bairro e chegou mesmo a inspirar-se nas histórias e vivências das populações locais. A ideia, no entanto, seria prolongar esta relação entre moradores e Núcleo, incentivando a sua participação constante nas suas atividades, trazendo até estas populações desfavorecidas a cultura, a educação e as artes. Mas, tendo em conta a atual situação de inatividade do NMU, penso que este objetivo acabou por não ser cumprido. Hoje, as esculturas que compõem a coleção do Núcleo Museológico permanecem como vestígios de um projeto que, embora não tendo sido completamente abandonado, continua inacabado e, na verdade, por cumprir.

Resta-me concluir este diagnóstico dizendo que o Núcleo Museológico poderá vir a tornar-se um projeto de grande sucesso, caso se reúnam as condições concretas para a sua materialização. O seu potencial é imenso, especialmente no que diz respeito à transformação da imagem de um Bairro e à esperança que pode vir a dar às populações que o habitam, populações essas que há muito foram postas à margem pela sociedade e rotuladas como sendo ignorantes e perigosas, pois, para além da perceção negativa dos próprios moradores e atores locais em relação ao bairro (AO – Oficina de Arquitetos Lda, 2007a, pp. 21-23), esta imagem é também muitas vezes alimentada pela comunicação social⁴¹, e como tal não são consideradas merecedoras de oportunidades que possam trazer melhorias às suas vidas.

4. Programa Museológico: Proposta

O capítulo final deste trabalho, em que agora entramos, é o resultado de uma cuidadosa reflexão sobre todos os dados recolhidos e apresentados no capítulo anterior, em que foi realizado o diagnóstico às condições de funcionamento do Núcleo Museológico Urbano da

⁴¹ Notícias retiradas do jornal PÚBLICO: <https://www.publico.pt/2009/05/11/sociedade/noticia/psp-mantem-forte-patrolhamento-nas-ruas-do-bairro-da-bela-vista-1379951> [Consultado em 2 de Novembro de 2020]
<https://www.publico.pt/2013/03/16/local/noticia/jovem-morre-em-setubal-durante-perseguiçao-policial-1588059> [Consultado em 2 de Novembro de 2020].

Bela Vista. Este capítulo deve ser encarado como uma proposta, suportada por bibliografia especializada e em estreita articulação com a observação direta da realidade hoje vivida pela instituição em estudo.

Não posso, no entanto, antes de prosseguir, deixar de clarificar a importância da existência de um documento oficial, para cada instituição museológica, que represente a base sobre a qual assenta a sua identidade, o que a define e sobretudo o que a distingue de todas as outras instituições e justifica a sua própria existência, ou seja, a necessidade da existência de um regulamento, definindo contornos e missão e do qual decorrerá então toda a programação, incluindo as estratégias pedagógicas e de comunicação.

Compreenda-se que os museus, enquanto instituições ao serviço do público, percorreram um longo caminho até se tornarem as instituições complexas que hoje conhecemos. Mais do que guardiões de história e cultura material e imaterial, mais do que repositórios de objetos, os museus são para nós, nos dias que correm, espaços de aprendizagem contínua, guardiões de conhecimento, lugares de entretenimento e lazer, entre muitas outras coisas (Lord e Market, 2007, p.2). Esta complexidade e diversidade de funções leva a que seja cada vez mais importante planear e criar estratégias, dentro de cada museu e face às suas características intrínsecas, no sentido de garantir a capacidade de resposta às exigências com que estas instituições constantemente se deparam (Lord e Lord, 1999, p.2).

Deste planeamento estratégico devem resultar um ou mais documentos, definidores de diretrizes de preservação e acesso a coleções, de estratégias de comunicação e sobretudo de propósito (Lord e Lord, 1999, p.2). Estes documentos, além do seu necessário regulamento, são aquilo que definimos como programas, que tendo por base um profundo conhecimento das necessidades de cada instituição, devem procurar dar resposta às mesmas, partindo sempre de uma visão global desta última, para a criação de medidas adequadas a cada uma das suas áreas. (Neves, 2003, p. 51)

De acordo com a Lei Quadro dos Museus Portugueses, Lei nº47/2004, artigo 86º “*O programa museológico fundamenta a criação ou a fusão de museus*”⁴². Assim, é o regulamento museológico que define a identidade e singularidade do museu e é a partir dele que se estabelecem as orientações internas da instituição (Tavares, 2009, p.105). É a estrutura que

⁴² Lei nº47/2004, de 19 de Agosto – Lei Quadro dos Museus Portugueses.

define as estratégias de ação e políticas pelas quais um museu se rege, com o intuito de concretizar os objetivos que para ele foram definidos (Edson, 2004, pp. 133-145).

Uma vez que cada museu é único, com características e necessidades específicas, deve ser da responsabilidade de cada instituição criar um regulamento adaptado à sua realidade, tal como qualquer programa a partir dele elaborado o deve ser. Adaptabilidade e individualismos à parte, existem alguns critérios que são comumente utilizados na estruturação destes documentos, como, por exemplo, a definição da sua missão, vocação, visão e objetivos, e outras linhas gerais que servirão de guia para que se cumpram sempre as funções museológicas de cada instituição (Lord e Market, 2007, p.6-13). Preferencialmente, o regulamento deve ser elaborado por uma equipa multidisciplinar interna, da qual façam parte pelo menos um representante de cada um dos setores/áreas do museu, que seja capaz de transmitir de forma realista as dificuldades com que o museu se depara, para que esta equipa seja capaz de criar um documento cujas medidas sejam adequadas e as estratégias definidas seja exequíveis (Neves, 2003, p.36).

No caso objetivo do Núcleo Museológico Urbano, enquanto centro de interpretação, longe da definição tradicional de museu, mas não obstante, seu semelhante no que toca ao seu propósito, a existência de um regulamento será sempre um benefício. Adaptada às características únicas do NMU, a proposta que apresento é um conjunto de linhas gerais, que poderão vir a ser postas em prática futuramente ou constituir a base para a criação de um ou mais programas, e das quais saliento a definição da missão, vocação e objetivos do Núcleo, sugestões relativamente à gestão de recursos humanos, da coleção, do serviço educativo e da comunicação.

4.1. Missão, Vocação e Objetivos

O regulamento museológico deverá, em primeiro lugar, determinar o propósito do museu, a sua razão de ser e o que o distingue de todos os outros. Para isso, há que cuidadosamente definir a sua missão, a sua vocação e os seus principais objetivos, pois é através da definição dos mesmos que o museu dá ao conhecer ao público a sua identidade enquanto instituição e justifica a sua existência (Lord e Lord, 2009, p.2).

No caso concreto do Núcleo Museológico, a partir deste ponto do regulamento poderiam formar-se as bases de um programa institucional, em que a identidade e a relevância

do núcleo enquanto instituição cultural seriam definidas (Semedo e Nascimento (Coord), 2009, p.105).

4.1.1. Missão

A missão é a base sobre a qual devem assentar todas as estratégias e políticas definidas pelos programas museológicos. É ela que responde à questão “porque é que este museu existe?” e determina a sua relevância. A definição da missão deve ser breve e objetiva (Lord e Lord, 2009, p.3). A título de exemplo, a seguinte definição poderá vir a figurar no regulamento do NMU:

“A missão do Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista é contribuir para a regeneração urbana de uma área degradada, através da arte e da cultura, ao mesmo tempo que preserva a memória industrial da região.”

4.1.2. Vocação

A vocação do museu deve ser inerente à sua missão, e definida tendo em conta a natureza do acervo, o seu campo temático, a abrangência territorial do museu e a sua relação com outras instituições similares (Lord e Lord, 2009, p.3). No regulamento do Núcleo Museológico, a definição a ser adotada poderá ser a seguinte:

“A sua vocação é essencialmente social. O Núcleo Museológico está vocacionado para, através da criação de um conjunto escultórico associado às vivências das comunidades locais, contribuir para a sua integração na sociedade, incentivando os agentes locais a participar de uma estratégia de intervenção para o Bairro da Bela Vista, nas áreas social, económica, educativa e cultural.”

4.1.3. Objetivos

Para efeitos do regulamento, deverão ser identificados os objetivos da instituição. A curto ou longo prazo, os objetivos traçam o caminho para que um museu possa atingir as metas definidas pela sua missão e vocação (Lord e Lord, 2009, p.4). No caso do Núcleo Museológico Urbano, estes objetivos já se encontram definidos desde o início do projeto e penso que até à data continuam relevantes e não vejo por isso razões para os alterar. Os objetivos do NMU que poderão vir a integrar o seu regulamento são os seguintes:

“1. Promover a requalificação urbana, através de um projeto escultórico e cultural inovador, a partir da criação de obras de arte num Museu Urbano, em vários espaços públicos do Bairro da Bela Vista, onde as peças e ou museológicas se devem harmonizar com os

elementos paisagísticos, simbólicos e sociológicos, tornando o bairro mais atrativo para novos moradores, no sentido de revitalizar a população local.

2. Melhorar a imagem pública do Bairro da Bela Vista, com a criação de um polo cultural capaz de aproximar moradores, população da cidade de Setúbal, do restante país e do estrangeiro. Ao promover o turismo cultural, deve contribuir para o aumento da autoestima e sentido de pertença dos moradores do bairro.

3. Concretizar o potencial educativo da cultura, preservar memórias coletivas da vivência industrial da região e promover a participação cidadã, envolvendo a população e as associações locais de moradores e sociais nas diferentes etapas de construção do Museu e na sua dinamização futura.

4. Promover a qualidade de vida dos cidadãos, contribuir para a sustentabilidade económica dos residentes do bairro e potenciando a criação de novas atividades culturais e económicas, para além de promover uma estratégia de intervenção global para o Bairro da Bela Vista que implique agentes locais com responsabilidades nas áreas social, económica, educativa e cultural”⁴³.

5. Assegurar a salvaguarda das esculturas que compõem a sua coleção, desenvolver estratégias de conservação preventiva adequadas às características particulares de cada peça e assegurar o estudo e divulgação da coleção junto do público.

4.2. Localização

A localização é um dado importante a figurar no regulamento, uma vez que ajuda à contextualização do museu no espaço que ocupa e no qual porventura se identificarão quaisquer peculiaridades relativamente ao edifício e ao meio envolvente. No regulamento do Núcleo Museológico Urbano deverá ficar bem clara a ausência de um edifício único de carácter museológico, afirmando antes a sua natureza enquanto “museu ao ar livre”⁴⁴. Para além disso, acrescente-se que o NMU pode ser encontrado no Bairro da Bela Vista, em Setúbal, e que a sua coleção, exposta no espaço público, se distribui pelo bairro, em locais diversos, que podem ser localizados com a ajuda de um mapa⁴⁵. O regulamento deverá ainda apontar que ao NMU foram atribuídas, para desempenho de funções, duas salas no Polo da Bela Vista da Biblioteca

⁴³ Informação cedida pela Câmara Municipal de Setúbal, 07 de janeiro 2020.

⁴⁴ Saliento que este projeto do Núcleo Museológico Urbano é conhecido também por “O Museu Está na Rua”.

⁴⁵ Ver figura 2.

Municipal de Setúbal e que uma destas salas poderá funcionar como espaço de receção aos visitantes que queiram marcar uma visita orientada ou apenas obter informação sobre o Núcleo, enquanto a outra deverá ser atribuída ao Serviço Educativo do Museu, para que este possa aí desenvolver as suas atividades.

4.3. Enquadramento Orgânico

No regulamento é incontornável a inclusão do enquadramento orgânico, incluindo a tutela, para que de forma clara se possa compreender a estrutura organizacional da instituição e quais as suas limitações (Lord e Lord, 2009, p.47). Neste ponto do regulamento do Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista deverá então referir-se que a sua gestão se encontra sob a responsabilidade da Divisão de Bibliotecas e Museus, inserida no Departamento de Cultura, Desporto, Direitos Sociais e Juventude, da Câmara Municipal de Setúbal⁴⁶.

Com base no disposto neste ponto do regulamento, um futuro programa institucional poderia estabelecer as principais linhas de orientação no que diz respeito à administração e ao enquadramento institucional e jurídico do Núcleo Museológico (Semedo e Nascimento (Coord), 2009, p.105).

4.4. Recursos Humanos

Os técnicos de um museu constituem um bem essencial do mesmo. Sem eles o cumprimento das funções, desde a conservação ao trabalho administrativo, estaria absolutamente comprometido (Boylan, 2004, p.147). Existem diferentes formas de organização para os quadros de pessoal e das suas funções e cabe à administração determinar a que melhor se aplica ao caso da sua instituição em particular (Lord e Lord, 2009, p.30). Estando o Núcleo Museológico Urbano sob tutela da Câmara Municipal de Setúbal, a contratação de recursos humanos é uma responsabilidade que recai sobre esta última, de acordo com os regimes e estatutos definidos para a contratação pública.

O regulamento deverá contemplar a criação de um quadro de pessoal exclusivo para o NMU. Ainda que esta equipa tenha de responder à Divisão de Bibliotecas e Museus da Câmara Municipal, a autonomia para a gestão das atividades quotidianas do Núcleo Museológico

⁴⁶ Ver Organograma – Anexo D.

facilitará o seu funcionamento. A proposta que apresento para a organização do quadro de pessoal, a figurar no programa é a seguinte:

- a) Direção: a direção do Núcleo Museológico Urbano pode ser da competência do chefe da Divisão de Bibliotecas e Museus da Câmara Municipal de Setúbal ou de outrem, desde que apontado pela tutela, e sendo detentor das competências exigidas para o cumprimento da missão do NMU. Sobre a figura do Diretor recai a responsabilidade de gerir a atividade dos diferentes serviços do NMU, assegurando o cumprimento das suas funções.
- b) Serviço de Gestão da Coleção: este serviço deve estar a cargo de um técnico com formação especializada numa área teórica ou prática de artes (história da arte, conservação e restauro, artes visuais, museologia), podendo apenas assim ser claramente responsável pela salvaguarda da coleção do NMU e por todos os aspetos relacionados com o seu estudo, preservação, exposição, educação e comunicação.
- c) Serviço Educativo: a este serviço deve estar entregue a programação do NMU e a organização, implementação e acompanhamento de todas as atividades por ele promovidas. É ao serviço educativo que compete o contacto direto com o público, sobretudo sob a forma de visita orientada, criação de conteúdos pedagógicos para fins de educação e fruição, *in situ* e *online*. O responsável por este serviço deve ser um/a técnico/a com formação especializada numa área teórica ou prática de artes (história da arte, artes visuais, pedagogia, museologia ou afins), cuja principal função será gerir a equipa que o compõe e todas as funções por ela desempenhadas.
- d) Serviço Administrativo: a este serviço devem estar entregues todas as atividades de carácter administrativo, desde a comunicação telefónica à organização da contabilidade, entre outras.
- e) Serviço de Comunicação: este serviço deve ser responsável por todas as formas de comunicação externa do NMU, desde gestão das redes sociais e *website*, aos contactos com a imprensa oral e escrita. Este serviço deve ser também responsável pela criação de uma estratégia de divulgação das atividades do museu, em estreita articulação com a direção e o Serviço Educativo.

No caso do NMU, por se tratar de um projeto que podemos considerar de pequena escala, parece não justificar-se a constituição de um programa de recursos humanos, em que se definem todas as funções do pessoal, as suas qualificações e formações,

assim como a contratação de serviços externos ou voluntários. Penso que, neste caso, poderia adicionar-se este ponto a um possível programa institucional, que integrasse outros aspetos relacionados com a orientação das atividades deste núcleo (Semedo e Nascimento (Coord.), 2009, p.105-110).

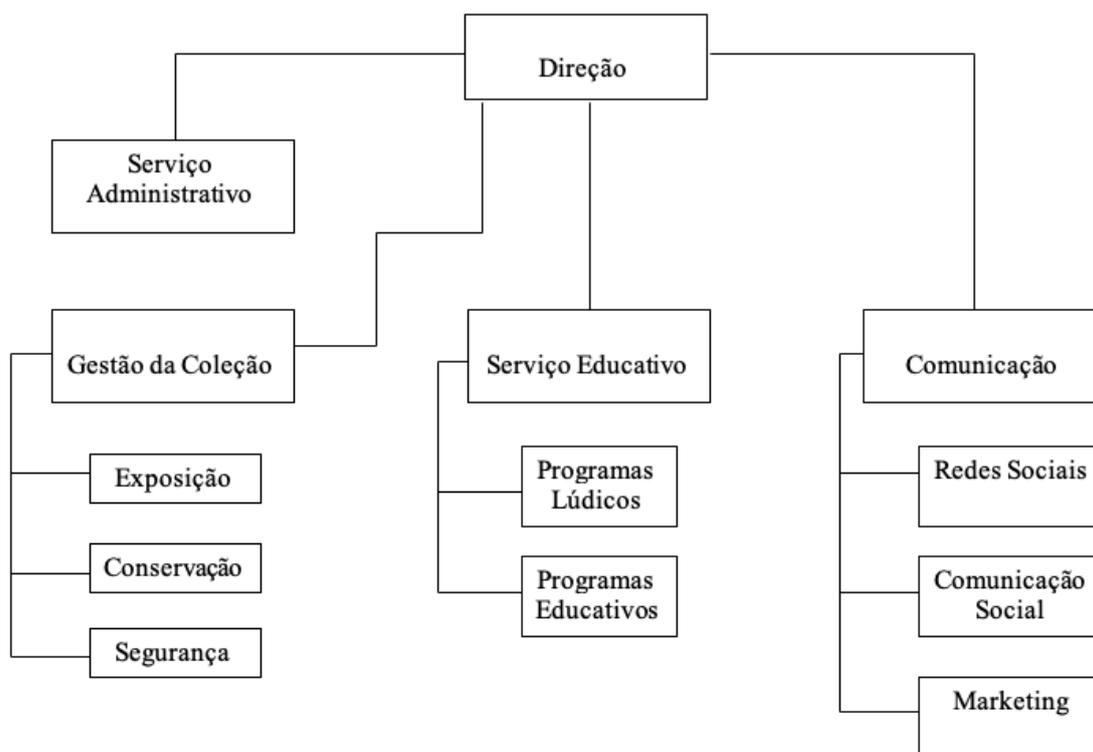


Diagrama 1 – Diagrama de Organização da Estrutura Administrativa do Núcleo Museológico Urbano⁴⁷.

4.5. Gestão da Coleção

A coleção de um museu é o atributo que o define e a sua gestão deve ser uma questão prioritária (Lord e Lord, 2009, p.76). A gestão da coleção é vital para o seu desenvolvimento, organização e preservação, englobando em si todos os aspetos legais, éticos, tecnológicos e práticos, que dizem respeito à formação, interpretação e conservação da mesma (Ladkin, 2004, p.17). É essencial que a gestão da coleção seja feita de acordo com normas e procedimentos bem definidos, registados sob a forma de um ou vários documentos escritos, que possam servir como guias práticos para quem lida com ela, ao mesmo tempo que tornam claro para o público de que forma é que o museu assume as suas responsabilidades perante a coleção e o seu cuidado

⁴⁷ Proposta com base nos vários modelos organizacionais proposto por G. Lord e B. Lord. (Lord e Lord, 2009, pp.30-35.)

(Ladkin, 2004, p.17). A criação dos documentos acima referidos não invalida que no regulamento não estejam já claramente definidas as linhas gerais relativas às práticas de gestão da coleção. Estas práticas devem incluir aspetos como parâmetros de incorporação e desafetação de objetos, critérios para o registo do inventário e outra documentação, estratégias de interpretação da coleção, medidas de segurança, entre outros. No caso do Núcleo Museológico, a gestão da coleção deverá ficar a cargo do Serviço de Gestão da Coleção (curadores/as responsáveis) e do seu regulamento deverão constar os critérios de registo e inventariação, uma proposta para a criação de tabelas de identificação das peças, aspetos relacionados com a conservação da coleção e medidas de segurança.

A título de exemplo, relativamente ao NMU, poderia ser criado um Programa de Gestão da Coleção⁴⁸, em que cada um dos pontos que a seguir abordo nesta proposta de regulamento poderia servir enquanto guia. Apresentarei então, em cada um deles, sugestões do que poderia constar de um programa deste tipo.

4.5.1. Documentação

A existência de documentação exata e acessível é um recurso indispensável para a gestão eficaz da coleção de um museu (Roberts, 2004, p.31). Assim, cabe aos responsáveis pela gestão da coleção proceder ao registo de toda a informação pertinente sobre cada uma das peças que constitui o seu acervo (Lord e Lord, 2009, p.89). Idealmente, cada museu terá o seu manual de procedimentos para proceder à documentação da sua coleção (Lord e Lord, 2009, p.98), garantindo que os mesmos métodos se aplicam a todos os objetos desde o seu registo de entrada na instituição até ao registo de uma possível alienação (Lord e Lord, 2009, p.89).

Apesar de o NMU se afastar dos parâmetros pelos quais se guiam os museus tradicionais, considero que o seu regulamento poderá contemplar a existência de uma ficha de registo, por básica que possa ser, em que todas as peças sejam incluídas. Dela deverão constar campos como o nº de inventário, a designação ou título atribuídos pelo autor, o ano da sua criação, os materiais que a constituem, as suas dimensões, a sua localização dentro do bairro

⁴⁸ Sendo a coleção do Núcleo Museológico tão reduzida, penso que não se justificaria, à semelhança do que acontece em instituições que albergam coleções de grandes dimensões, a constituição de vários programas separados, nomeadamente um Programa de Exposições, um Programa de Conservação e um Programa de Segurança. Optaria então por um só programa dedicado à gestão da coleção que concentrasse todos os referidos programas.

da Bela Vista, um registo fotográfico, além de um campo destinado ao registo de observações gerais, desde necessidade de reparos a incidentes sofridos pela por cada uma das esculturas.

Nº de Inventário	Designação / data de criação/ autor	Materiais	Localização	Observações
1	Labirinto / 2013 / João Limpinho	Ferro; Betão;	Bairro Amarelo – Pátio – Av. Bela Vista	-
2	Cadmo / 2013 / João Limpinho	Ferro;	Pólo Biblioteca – Rua do Moinho	-
3	Estendal / 2013 / João Limpinho	Ferro; Chapa;	Cruzamento Av. Bela Vista – Av. Francisco Fernandes	-
4	Asas / 2014 – 2015 / João Limpinho	Ferro;	Bairro Amarelo -Pátio Rua do Moinho	-
5	Radar / 2014 – 2015 / João Limpinho	Ferro; Plástico;	Bairro Amarelo – Pátio- Rua Antigo Olival	-
6	Casal Cigano / 2013 / João Limpinho	Ferro; Pedra;	Bairro Amarelo – Pátio – Rua Antigo Olival	-
7	África / 2013 / João Limpinho	Ferro; Pedra;	Bairro Amarelo – Pátio- Rua Antigo Olival	-
8	Abraço / 2013 / João Limpinho	Ferro;	Av. Bela Vista	-
9	Sol e Lua / 2013 / João Limpinho	Ferro;	Bairro Amarelo – Pátio – Av. Bela Vista	-
10	Tampas / 2014 – 2015 / João Limpinho	Ferro;	Rua Figueira Grande	-
11	Válvulas / 2013 / João Limpinho	Ferro;	Bairro Amarelo – Pátio- Av. Figueira Grande	-
12	5 Continentes / 2014 – 2015 / João Limpinho	Ferro; Betão;	Rua Antigo Olival	-
13	Metamorfose / 2013 / João Limpinho	Ferro;	Av. Francisco Fernandes	-
14	Plano Sequência /2014 - 2015 / João Limpinho	Ferro;	Av. Belo Horizonte	-

15	Despertar / 2014 - 2015 / João Limpinho	Ferro;	Rua Forte da Bela Vista	-
16	Sem Título / 2014 - 2015 / João Limpinho	Ferro;	Agrupamento Escolas Ordem de Sant'Iago – Av. Bela Vista	-

Tabela 1 – Exemplo Possível de Ficha de Registo Individual de Peças.

Para além deste registo geral, é importante que para cada objeto de uma coleção seja criada uma ficha de inventário. Num programa de gestão da coleção do NMU deveriam constar algumas normas para a elaboração de fichas de inventário individuais. Estas poderiam incluir campos diversos, como a categoria, o título, o nº de inventário que lhe foi atribuído, a descrição, a autoria, a data, a matéria de que é feita, as suas dimensões e o seu estado de conservação. Estas fichas poderão ser preenchidas a partir do exemplo que se segue.

Categoria	Este campo destina-se à identificação imediata do tipo de objeto/obra de arte/artefacto. Deve ser uma designação genérica, neste caso particular a categoria atribuída a todas as peças desta coleção será <i>escultura</i> .
Título	Título atribuído pelo autor.
Nº Inventário	Número atribuído a cada uma das peças. Sugiro que se mantenha a numeração que já acompanha cada uma destas peças, de 1 a 16.
Descrição	Pode variar de escultura para escultura. Devem salientar-se as características físicas distintivas de cada peça. A descrição deve ser feita de forma clara e explícita.
Autoria	Nome do autor, que para esta coleção será o mesmo: <i>João Limpinho</i> .
Matéria	Registo de todos os materiais utilizados na construção de cada escultura.
Dimensões	Dimensão da escultura. Altura (medida perpendicular ao solo), comprimento (medida paralela ao solo, à frente), largura (medida paralela ao solo, perpendicular ao comprimento).
Conservação	Avaliação do estado de conservação de cada escultura, segundo os parâmetros seguintes: • Muito Bom • Bom • Regular • Deficiente • Mau.

Tabela 2 – Proposta para Ficha de Inventário Individual de Cada Peça⁴⁹.

O regulamento deverá ainda estipular que tanto a ficha de registo, como as fichas de inventário, devem ser revistas e atualizadas sempre que alguma das peças sofra algum tipo de alteração, nomeadamente em relação ao seu estado de conservação ou em relação a intervenções de conservação e restauro que possam vir a sofrer. Se, por algum motivo, alguma destas esculturas tenha de ser movida, ou seja, sujeita a alteração ou destruição, deverá também ser feito esse registo. Com base neste ponto do regulamento, um potencial programa de gestão da coleção deverá contemplar a possibilidade de incorporação de peças novas ou a desafetação das que já existem, e nesse sentido deverá estipular critérios determinantes, como por exemplo, qual o tipo de peças que poderão vir a integrar a coleção ou em que circunstâncias se determina que uma das peças já integrantes deva ser retirada.

Se no futuro for tomada a decisão de acrescentar a esta coleção outras peças ou retirar as já existentes, o seu registo deverá ser feito de acordo com os mesmo princípios estipulados no regulamento ou num futuro programa.

4.5.2. Exposição

A exposição, embora não sendo o único, é normalmente o principal meio de comunicação de um museu. Esta é uma forma de comunicação essencialmente visual, que se faz por meio de objetos, artefactos, obras de arte, entre outras coisas (Herreman, 2004, p. 100).

A reação de cada espetador sobre aquilo que observa depende de vários fatores, que variam com a sua experiência pessoal, da sua formação académica a todos os outros aspetos da vida e sensibilidade. Para que a mensagem de uma exposição, a mensagem pensada pelo curador ou pelo designer, possa de forma eficaz fazer-se chegar ao público, é preciso que os objetos em exibição sejam acompanhados de algum tipo de suporte interpretativo (Herreman, 2004, p. 93). A contextualização e a interpretação de uma exposição são essenciais para que esta possa contribuir para a disseminação de informação sobre um assunto em particular, uma coleção ou até mesmo sobre determinado objeto, para além de facilitarem a compreensão por parte de todos os tipos de público (Herreman, 2004, p. 93).

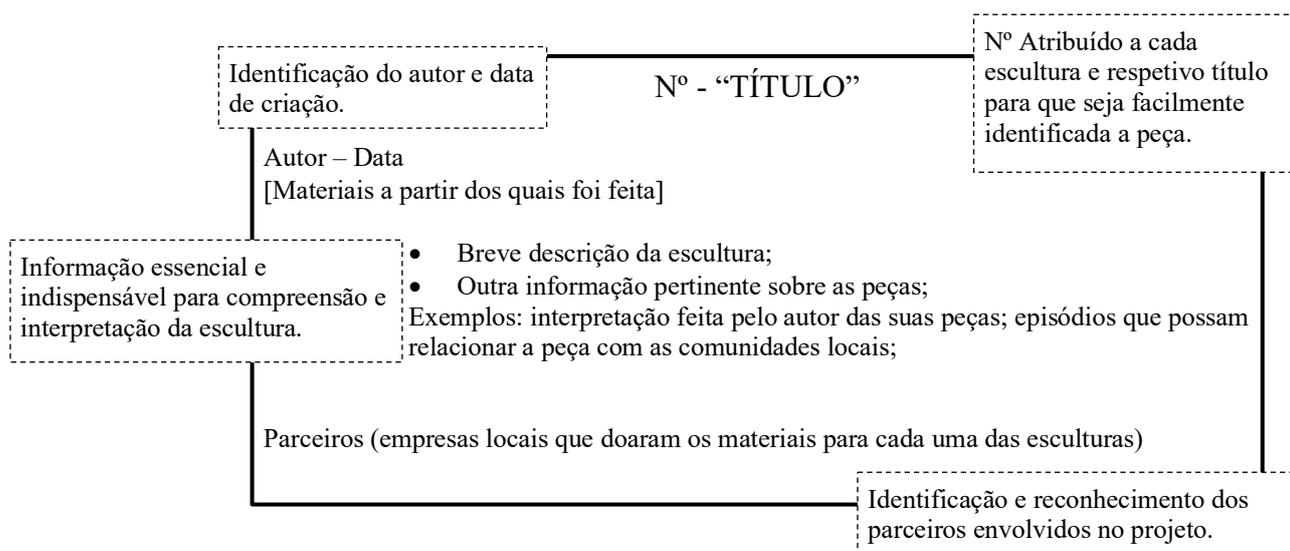
⁴⁹ Esta proposta é feita de acordo com as normas de inventariação para a escultura propostas pela DGPC. Disponível em: http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/Download/Normas/AP_AD_Escultura.pdf [consultado em 30 de março de 2020].

Porém, uma questão deve ser aqui colocada: no caso do Núcleo Museológico Urbano, será que poderemos considerar que as esculturas da sua coleção estão de facto em exposição? É verdade que estão expostas ao público, uma vez que se encontram instaladas no espaço público e basta que qualquer potencial visitante se desloque ao Bairro da Bela Vista para as poder encontrar. No entanto, sem conhecimento prévio da sua existência, é possível passar por qualquer uma destas esculturas e permanecer alheio ao seu verdadeiro significado, pois não se encontram presentes quaisquer suportes interpretativos que permitam identificá-las pelo que são. Penso que é imperativo refletir sobre a forma como a coleção do NMU deve ser apresentada e quais as medidas que poderão vir a contribuir para a sua visibilidade junto do público. O regulamento que proponho deverá por isso enquadrar algumas opções que ajudem o Serviço de Gestão da Coleção a produzir um programa expositivo interpretável. Assim, o primeiro ponto a estabelecer no regulamento e no decorrente programa, relativamente à exposição, poderá ser a definição do seu tom, da sua voz, que histórias contam estas esculturas e como as contam.

A título de exemplo, se a partir do que proponho for criado um programa de gestão da coleção, este poderá promover a instalação de um painel principal, a ser instalado num local determinado pelo Serviço de Gestão da Coleção, que marcará a entrada da exposição ou o início do percurso expositivo. Painel este que deverá conter a identificação do Núcleo Museológico e o nome atribuído à exposição. Para além deste, o programa poderá ainda sugerir que ao longo do percurso expositivo se instalem outros painéis, capazes de orientar o público durante a visita, ao mesmo tempo que, através de textos breves e claros, vão estabelecendo a narrativa da exposição.

Um programa de gestão da coleção poderá também propor que a cada uma das peças seja atribuída uma tabela de identificação. Esta deverá ser curta e sucinta do ponto de vista técnico, apresentando apenas detalhes sobre o nome da escultura, o nº de inventário, a data de criação e o material a partir do qual foi construída (Serrell, 2015, p.39), sendo-lhe depois acrescentada uma breve descrição e informação sobre cada uma das peças. Esta informação deverá ter um vocabulário claro e acessível, em poucos parágrafos e curtos (já que é para serem lidos por distintas pessoas e sempre em circunstâncias de rápida mobilidade). Diferentes ideias deverão ser separadas por parágrafos ou por pontos. Toda a informação deverá ser específica para cada peça (Serrell, 2015, pp.36-37). Estas tabelas permanecerão junto das esculturas, de forma a que quem as visita de forma autónoma não tenha problemas em identificá-las. Deverão ser visíveis e legíveis e acessíveis a todos os tipos de públicos (Serrell, 2015, pp.36-37).

Segue-se um exemplo do que poderá ser adotado pelo Núcleo Museológico⁵⁰.



4.5.3. Conservação

Uma das principais funções de um museu é a conservação da sua coleção, função essa que assegura a sobrevivência do acervo e a sua transmissão através de gerações (Alexander e Alexander, 2008, p.217). Ao longo do tempo, os materiais a partir dos quais têm origem os objetos, artefactos ou obras de arte, ao cuidado dos museus, sofrem alterações químicas às suas composições, que poderão resultar na degradação irreversível, ou até na perda dos mesmos. Para evitar que isso aconteça, é da responsabilidade do museu garantir a prevenção, o mitigar ou até eliminar, dentro do possível, os processos de degradação que afetam as suas coleções e, nos casos em que os danos já são visíveis, deve o museu garantir o restauro das peças, sempre que necessário e possível (Alexander e Alexander, 2008, p.218). Os esforços no sentido de garantir que esta função museológica é cumprida devem ser contínuos e esta deve ser sempre desempenhada por indivíduos experientes e especializados (Michalski, 2004, p.53).

Não sendo exceção, o Serviço de Gestão da Coleção do Núcleo Museológico Urbano deve ser capaz de assegurar as condições necessárias e promover as medidas preventivas necessárias à conservação das esculturas que integram a sua coleção. O seu regulamento deverá incluir aspetos gerais de conservação preventiva, apontando para um documento anexo de

⁵⁰ O exemplo aqui proposto foi construído com base na obra de Beverly Serrell, *Exhibit Labels: an interpretive approach*, 2015.

normas e procedimentos de conservação preventiva ⁵¹, definidas de acordo com as especificidades e necessidades da coleção. Estando esta coleção exposta a céu aberto, no espaço público, sujeita não só a agentes climáticos, mas também à ação humana, o mesmo regulamento deverá prever também a constante avaliação dos riscos que ameaçam a sua integridade física e delinear os procedimentos apropriados caso seja indispensável fazer qualquer tipo de intervenção. Dada a natureza dos materiais a partir dos quais são feitas as esculturas do NMU é possível que, para determinadas intervenções, de maior envergadura, seja necessária a contratação de serviços externos. Outra questão a estipular no regulamento prende-se com a previsão de custos associados aos trabalhos de conservação da coleção e a sua devida contemplação no orçamento atribuído ao Núcleo Museológico.

Tendo em conta o tamanho reduzido da coleção do NMU, penso que a elaboração de um manual ou de um programa inteiramente dedicado à conservação da coleção não será necessária, desde que num futuro programa de gestão da coleção ou no próprio regulamento do núcleo se contemplem medidas capazes de assegurar a preservação das esculturas que a compõem.

4.5.4. Segurança

Um programa museológico deve considerar a questão da segurança, reforçando a importância do cumprimento de todos os procedimentos, tal como está previsto nos seus manuais, e sobretudo a formação de todos os trabalhadores, preparando-os para eventuais a falhas de segurança ou situações de emergência (Jirásek, 2004, p.180).

A segurança das coleções e do próprio museu depende de vários fatores, externos e internos, daí que garantir que se cumprem todas as diretrizes em relação à segurança no espaço do museu seja uma tarefa que não só recai sobre o pessoal especificamente treinado para o efeito, mas também se aplica a todos os outros trabalhadores, de todos os outros setores, uma vez que todas as atividades por eles desempenhadas acarretam certos riscos, quer para os trabalhadores ou para o público, quer para as coleções ou o edifício que as alberga (Jirásek, 2004, p.177-179). A questão da segurança, no contexto museológico, deve, portanto, abranger

⁵¹ À semelhança do que acontece noutros museus, e conforme o que pude observar através da leitura dos respetivos regulamentos internos, os aspetos relacionados com a conservação devem ser agregados num documento separado do regulamento, normalmente um manual de conservação preventiva. Informação obtida através dos regulamentos internos do Museu Nacional de Arqueologia, do Museu do Douro e do Museu da Olaria de Barcelos.

um conjunto de medidas que vise a proteção do público, dos seus trabalhadores e, como não poderia deixar de ser, da sua coleção. Para que estas medidas possam ser devidamente implementadas é fundamental a compilação de manuais de procedimentos, regularmente atualizados, em que se encontrem incluídas análises de riscos, procedimentos de higiene e segurança no trabalho, listas de equipamentos de segurança existentes e recomendados e manuais de procedimentos em caso de emergência (Lord e Lord, 2009, pp. 202-203). A implementação de medidas de segurança eficazes é o que possibilita aos museus defenderem-se contra riscos e ameaças, sejam eles externos ou internos (Osborne, 1999, p.218). Como tal, o programa proposto para o Núcleo Museológico Urbano não poderá deixar de abordar este ponto. O NMU deve ser capaz de garantir a segurança das esculturas que compõem a sua coleção.

Em primeiro lugar, deverá ficar estipulado que o Serviço de Gestão da Coleção será responsável pela avaliação de riscos e potenciais ameaças contra a integridade das suas peças escultóricas. A partir desta avaliação deverá ser criado um manual de procedimentos direcionado diretamente para as questões de salvaguarda da coleção, tal como para todas as medidas necessárias para garantir a segurança de funcionários e visitantes. À semelhança do que acontece com os manuais de conservação preventiva, a existência de um manual dedicado exclusivamente aos procedimentos de segurança não significa que o programa não possa também incluir alguns desses aspetos, ainda que de forma superficial. A título de exemplo, o regulamento poderá enumerar os principais riscos a que a coleção está exposta: elementos climáticos e ação humana, nomeadamente vandalismo. Poderá também incluir potenciais riscos para os trabalhadores e visitantes que, no caso de NMU, pela sua localização num bairro considerado problemático, poderão passar por ameaças à sua integridade física ou propriedade privada.

Do regulamento deverão constar também as medidas de vigilância implementadas, a frequência com que os manuais de procedimentos devem ser reavaliados e a necessidade de projetar no orçamento todos os custos associados à segurança da coleção e de todos os que trabalham ou frequentam o Núcleo Museológico Urbano. Os aspetos relacionados com a segurança da coleção poderão ser incluídos num programa de gestão da coleção, tendo como linhas orientadoras aquilo que é proposto neste ponto do regulamento.

4.6. Serviço Educativo

De acordo com a Recomendação da UNESCO relativa à Proteção e Promoção dos Museus e das Coleções, da sua Diversidade e do seu Papel na Sociedade, de novembro de 2015 “(...) *uma das funções [de um museu] é dar novo impulso à educação popular e à difusão da cultura: colaborando (...) no desenvolvimento de atividades educativas; e instituindo a colaboração entre países para avançar no ideal de igualdade de oportunidades educativas independentemente da raça, do género ou de quaisquer distinções, económicas ou sociais; e mantendo, ampliando e disseminando o conhecimento (...)*”⁵².

Na realidade, os museus têm vindo a redefinir o seu papel enquanto instituições educativas (Lord e Lord, 2009, p.136), servindo como instrumento auxiliador da chamada educação formal, ao oferecer aos visitantes novas formas de aprendizagem e de aquisição de conhecimentos, num contexto informal, através das suas coleções (Brüninghaus-Khubel, 2004, p.119).

O desempenho da função educativa de um museu, à semelhança das suas outras funções, deve respeitar um conjunto de linhas gerais e estratégias adequadas, que podem ser definidas pelo seu programa museológico. A orientação das práticas educacionais de uma instituição museológica deve ter por base uma cuidadosa avaliação das suas coleções, para que toda a programação do setor educativo se encaixe nos moldes definidos pela missão, vocação e objetivos da mesma (Brüninghaus-Khubel, 2004, p.119). Assim, e de acordo com a Lei Quadro dos Museus Portugueses, nº47/2004 de 19 de Agosto, artigo 42º, “O museu desenvolve de forma sistemática programas de mediação cultural e atividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais” e “promove a função educativa no respeito pela diversidade cultural tendo em vista a educação permanente, a participação da comunidade, o aumento e a diversificação dos públicos”.

No caso particular do Núcleo Museológico Urbano, caberá ao seu Serviço Educativo, o desenvolvimento de tais atividades e o estreitamento de laços entre este e as comunidades que pretende servir. Ao ser criado, por exemplo, um programa educacional, este deverá contemplar diversas atividades de cariz lúdico e pedagógico, de acordo com os objetivos do NMU, capaz de contribuir não só para a educação formal, mas também, para a formação

⁵² UNESCO - Recomendação Relativa à Proteção e Promoção dos Museus e das Coleções, da sua Diversidade e do seu Papel na Sociedade, 20 de novembro de 2015, Paris.

informal dos seus visitantes. A título ilustrativo do que poderá figurar no regulamento do NMU, a este propósito, apresento a seguinte proposta:

1. O Serviço Educativo será responsável pela criação de um Programa de Atividades, lúdicas e pedagógicas, entre as quais devem constar:
 - Visitas Orientadas;
 - Visitas Orientadas Temáticas⁵³ (percursos temáticos);
 - Visitas Autónomas (a partir dos percursos temáticos);
 - Vistas Orientadas e Oficina Pedagógica (para escolas);
 - Programas para Férias Escolares (ateliês promovidos pela CMS);
 - Programas para Seniores (em conjunto com a Universidade Sénior de Setúbal e centros de dia);
 - Programas Familiares (com atividades para as crianças desenvolverem com os pais ou outros membros da família);
2. Para além destas atividades, o Serviço Educativo deverá orientar a realização do projeto educativo “Festival da Primavera”⁵⁴, desenvolvido em conjunto com os agrupamentos escolares do Concelho, para a participação dos alunos do 1º Ciclo numa atividade que requer a pintura das asas das borboletas da escultura “*Metamorfose*”. Deverá ainda garantir a continuidade de outras atividades, previstas no projeto inicial do NMU, como a renovação da pintura da peça “*Labirinto*”⁵⁵ e dos grafitis na peça “*Plano-Sequência*”⁵⁶.
3. A criação de programas de animação cultural, que tenham como plano de fundo as esculturas do NMU, deverá ser também uma das apostas do Serviço Educativo, especialmente em ocasiões que assinalem a comemoração de datas especiais, desde celebrações do Dia de Portugal ou do 25 de Abril, até ao Dia Internacional dos Museus.

⁵³ Estes percursos temáticos fazem parte de uma proposta elaborada pela CMS e pelos alunos do IPS, no entanto, por falta de recursos humanos, não chegaram a ser implementados de facto.

⁵⁴ O “Festival da Primavera” é um projeto já existente, a sua última edição terá sido em 2017.

⁵⁵ Esta atividade teve lugar pela última vez em 2018.

⁵⁶ Pintados em 2014, aquando da inauguração da 2ª fase de implementação do Núcleo Museológico Urbano.

Os museus, enquanto instituições educadoras, deverão ser capazes de conceber um vasto leque de atividades e programas que tenham relevância, mas que, ao mesmo tempo, sejam uma fonte de entretenimento (Brüninghaus-Khubel, 2004, p.132), garantido assim uma experiência satisfatória a todos os visitantes, o que potenciará o seu regresso ou fará com que estes incentivem familiares e amigos a visitar, contribuindo assim para que a ação do museu chegue a diferentes públicos (Lord e Lord, 2009, p.109).

Não posso deixar de salientar que as atividades e programas desenvolvidos pelos serviços educativos dos museus não se destinam apenas às escolas e ao público escolar em particular, ou seja, não são apenas para crianças, mas para todos os grupos da população, independentemente da sua faixa etária e grau de formação académico. Assim sendo, o regulamento do Núcleo Museológico Urbano deverá estabelecer desde logo que, através do Serviço Educativo, se procurarão estreitar laços com outras instituições, para além de escolas em todos os níveis de escolaridade. As associações de moradores do Bairro da Bela Vista e de outros bairros da cidade, centros de dia para idosos, os museus da cidade, entre outros, são um exemplo de instituições às quais o NMU se poderá vir a associar, no sentido de promover os seus serviços e captar a atenção do público para a mensagem que pretende transmitir. No caso da criação de um programa educativo/cultural para o núcleo, é preciso garantir que quaisquer atividades previstas se enquadram dentro das diretrizes estipuladas pelo regulamento.

Um outro aspeto a ter em conta no que toca à organização do serviço educativo, dentro de um museu, tem a ver com o desempenho de funções. Se, para o desempenho de outras funções, como por exemplo a conservação da coleção, os museus recorrem a técnicos especializados, o mesmo deverá acontecer relativamente ao serviço educativo (Brüninghaus-Khubel, 2004, p.121). Um programa educativo/cultural desenvolvido para o NMU deverá determinar a contratação de um responsável com experiência na área da educação ou educação em museus, em história da arte, artes visuais (de preferência) ou áreas afins, para dirigir as atividades do Serviço Educativo, assim como para gerir os restantes trabalhadores afetos a este serviço, também eles técnicos especializados. Já o regulamento deverá determinar que toda e qualquer atividade promovida pelo anterior será acompanhada por um destes técnicos. Também do ponto de vista administrativo, o regulamento poderá estabelecer algumas diretrizes de forma a facilitar a gestão do Serviço Educativo, desde a estipulação de horários para a marcação de visitas e para a sua realização, à gestão de reservas.

4.7. Divulgação e Comunicação

O ponto anterior desta proposta, dedicado ao Serviço Educativo, aborda a necessidade de criar e desenvolver um conjunto de atividades, tanto pedagógicas como lúdicas, capazes de cativar o público enquanto fontes de entretenimento. Essa necessidade deriva do facto de os museus, atualmente, competirem de forma direta, não só com outros museus, mas também com centros comerciais, eventos desportivos, eventos musicais, cinemas, entre outros, pela atenção do público (McNichol, 2005, p.239). À luz desta realidade, cada vez mais os museus necessitam de criar estratégias de comunicação que lhes permitam consolidar a sua posição junto do público, e com isso garantir a sua sobrevivência (Scott, 2000 *in* McNichol, 2005, p.239). Para isso, em primeiro lugar, é preciso que os museus conheçam os seus públicos, quais as suas expectativas em relação à instituição, quais os seus interesses e o que pretendem retirar das suas experiências de cada vez que os visitam (Lord e Lord, 2009, p.153). Definidos os públicos alvo, o museu pode então focar-se não só no tipo de atividades que irá desenvolver, mas também na escolha da melhor abordagem para chamar a atenção de cada um (Mork, 2004, p. 167).

É importante que a comunicação entre os museus e o público comece ainda antes da própria visita e continue para além dela. Devem ser disponibilizadas informações sobre a instituição, a coleção, os serviços e as atividades, como forma de despertar nos potenciais visitantes a curiosidade que os levará a frequentar o espaço com frequência, e que poderão levar a que futuramente lhe seja atribuído o reconhecimento do público (Remelgado, 2014, p.117). Quanto aos instrumentos de comunicação e difusão da sua mensagem, os museus podem servir-se de variados meios. Desde publicidade paga em jornais, revistas, no rádio ou na televisão, boletins de imprensa, campanhas de marketing direto e páginas oficiais nas mais concorridas redes sociais, os meios de que os museus se servem para chegar aos visitantes dependem de diferentes fatores, internos e externos, e cada museu terá de adaptar a sua estratégia de comunicação à sua realidade (Mork, 2004, pp.169-172).

No caso particular do Núcleo Museológico Urbano, o seu regulamento deverá, desde logo, contemplar a criação de um Serviço de Comunicação, sobre o qual recairá a responsabilidade de delinear uma estratégia de comunicação e divulgação para o NMU. No sentido de orientar este serviço na organização de dita estratégia, poderão figurar no regulamento os meios de comunicação à sua disposição e que as linhas estratégicas relativas ao tipo de informação o Núcleo pretende divulgar, de modo a sublinhar a sua missão e vocação.

Assim, quanto aos meios de comunicação, proponho que o Núcleo Museológico aposte numa estratégia de multiplicação, através do recurso a diversos tipos de documentação impressa e através da Internet. Relativamente aos primeiros, o NMU poderá investir na distribuição de panfletos em sítios estratégicos, como na Casa da Baía ou na Casa da Cultura⁵⁷, poderá continuar a divulgar a sua existência através do Guia Cultural de Setúbal⁵⁸ e através de anúncios em jornais e revistas, a nível regional e nacional, começando, por exemplo, pelo jornal “*O Setubalense*”⁵⁹. No caso da Internet, o que proponho é que o Núcleo Museológico aposte, em primeiro lugar, na criação de um sítio oficial, no qual se encontrem disponíveis informações sobre a sua origem e o seu propósito, e em que se apresentem os programas, atividades e eventos promovidos pelo NMU, para além de formas de contacto, membros da equipa e suas funções, horários de funcionamento, formas de acesso, entre outros dados indispensáveis. O Serviço de Comunicação poderá ainda servir-se deste meio para criar uma *newsletter* digital, a ser enviada para a sua lista de contactos. Proponho também que o NMU tenha uma presença assídua nas redes sociais, nomeadamente nas plataformas *Facebook* e *Instagram*, apresentando conteúdos definidos de acordo com a estratégia de comunicação em vigor, que ajudem a promover adequadamente a sua imagem.

Para além do estipulado pelo regulamento interno, poderá ser vantajoso para o serviço de comunicação desenvolver um programa próprio, que tenha em conta as necessidades específicas do núcleo a cada etapa do seu desenvolvimento, assim como as necessidades do público. É importante que este programa defina uma estratégia clara, baseada não só em linhas gerais sugeridas pelo regulamento, mas também na observação da realidade e naquilo que são as principais dificuldades sentidas neste ponto, no sentido de poder contorná-las e superar os desafios de comunicação e divulgação que o NMU enfrenta neste momento.

Dessa estratégia poderá constar a articulação entre o Núcleo Museológico e outros equipamentos museológicos, e não só, da cidade, sob tutela da Câmara Municipal de Setúbal, como por exemplo o Museu do Trabalho Michel Giacometti, o Convento de Jesus/Museu de Setúbal ou até mesmo a Biblioteca Municipal pois ao promover o NMU nestes espaços é possível chamar a atenção do público que os frequenta para a existência do primeiro e para tudo aquilo que o mesmo tem para oferecer. O desenvolvimento de um programa de atividades, pelo Serviço Educativo, em que se prevê a ida do Núcleo Museológico às escolas, para divulgar

⁵⁷ Ambas sob direção da Câmara Municipal de Setúbal.

⁵⁸ Publicado pela Câmara Municipal de Setúbal.

⁵⁹ Jornal regional, que abrange a Península de Setúbal e a região do Alentejo Litoral.

o seu restante programa lúdico/educativo, poderá também vir a integrar a estratégia de comunicação e divulgação do NMU.

Embora o Serviço de Comunicação possa vir a ser responsável pela criação dos conteúdos e gestão da informação, e mesmo integrando na sua equipa técnicos especializados nas áreas da comunicação, *marketing* e publicidade e informática, não deverá excluir-se a possibilidade da necessidade de utilização de meios e recursos externos, que trarão consigo custos adicionais ao orçamento do NMU. Por isso, penso que o regulamento deverá sublinhar a necessidade de a estratégia de comunicação incluir, em cada programa anual, uma estimativa desses mesmos custos, para que estes possam estar contemplados nesse mesmo orçamento.

Considerações Finais

No início deste trabalho, tracei como objetivo principal o desenvolvimento de uma proposta de um regulamento para o Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista. Chegando ao final, creio ter atingido esse mesmo objetivo. O programa museológico poderá, creio também, decorrer desta proposta inicial.

Posso dizer que, desde o princípio, o maior desafio sempre foi comunicar diretamente com o NMU, no sentido de obter as informações necessárias para que pudesse efetuar o diagnóstico de funcionamento da instituição. No entanto, ultrapassado este obstáculo, foi possível reunir dados suficientes para concluir que o Núcleo Museológico é um projeto com imenso potencial, embora estagnado, devido a vários motivos, mas sobretudo devido à falta de recursos humanos qualificados, capazes de o dinamizar.

Quanto à proposta para o regulamento a partir do qual poderá, mais concreta e facilmente, decorrer um programa museológico, parece-me importante referir que a mesma foi elaborada com base nas conclusões retiradas a partir do diagnóstico feito ao NMU e suportada por bibliografia especializada sobre o tema. Aqui, o principal desafio foi tentar perceber a praticabilidade de certas sugestões, uma vez que o objetivo não é de todo oferecer uma proposta demasiado ambiciosa, sem aplicação prática. Não esquecendo que a elaboração quer de um regulamento quer de um decorrente programa museológico deve, em princípio, ser um trabalho multidisciplinar e de equipa, esta minha proposta pretende, acima de tudo, chamar a atenção para a situação atual do Núcleo Museológico e quem sabe impulsionar os serviços competentes a reunir as condições necessárias para que esta se altere.

Como fui apontando, ao longo deste trabalho, o NMU não está de momento a tirar partido de todo o seu potencial. No entanto, com base nos objetivos que foram projetados pela Câmara Municipal de Setúbal para este equipamento, parece-me importante referir que existe a forte possibilidade de que o Núcleo Museológico tivesse de facto um impacto positivo nas vidas das comunidades que habitam o Bairro da Bela Vista, assim como na própria cidade de Setúbal.

O que para mim se tornou evidente com a realização deste trabalho de projeto foi a existência de um equipamento multifuncional que, por um lado, contribuiu para a reabilitação da estética urbanística de um bairro considerado problemático e, por outro, envolveu populações desfavorecidas que o habitam na construção da interpretação escultórica das suas vivências, capacitando-as e oferecendo-lhes um novo horizonte e uma nova autoimagem. E se numa primeira fase de existência é um equipamento quase exclusivo dos moradores do Bairro da Bela Vista, penso que, no futuro, e para que se cumpram os seus objetivos, é imprescindível dinamizá-lo e divulgá-lo, tanto a nível local como nacional.

Um outro aspeto que não posso deixar de referir, uma vez que também ele se evidenciou no decorrer das leituras e do trabalho de pesquisa que fui efetuando ao longo dos últimos meses, é a importância das parcerias. Se a Divisão de Bibliotecas e Museus da Câmara Municipal de Setúbal não dispõem de todos os meios necessários para que o NMU possa funcionar em pleno, porque não estender o convite a outras divisões, dentro do seu próprio departamento, como a da Cultura ou da Juventude, ou fora dele, como à divisão da Educação, para que desenvolvam projetos nas respetivas áreas, projetos esses a desenvolver no espaço do Núcleo Museológico? Porque não contactar também outros atores locais, dispostos a realizar eventos ou a patrocinar a realização de eventos neste espaço?

Enquanto moradora da cidade de Setúbal, tenho consciência de que qualquer iniciativa que envolva o Bairro da Bela Vista, seja ela cultural ou de outro tipo, será possivelmente recebida com alguma hesitação, por parte dos demais habitantes da cidade. Quer por questões de segurança, quer pela sua localização periférica, o Bairro da Bela Vista não é de todo palco frequente de atividades culturais, desportivas ou outras. É preciso apostar na diversidade, na frequência e na divulgação de atividades a realizar no Núcleo Museológico Urbano, é preciso confiar nas comunidades que habitam o bairro e oferecer-lhes a oportunidade de participar e demonstrar as suas capacidades e, ao mesmo tempo, educar a restante população no sentido de acabar com o estigma associado a este bairro e aos seus moradores.

Resta-me concluir então que, se for capaz de cumprir a sua missão, a sua vocação e os seus objetivos, o Núcleo Museológico do Bairro da Bela Vista tornar-se-á um projeto de grande impacto, mais do que ao nível cultural, ao nível social. E quão extraordinário seria, através da arte e da cultura, melhorar a qualidade de vida destas comunidades marginalizadas?

Bibliografia

Alexander, E. e Alexander, M. (2008) *Museums in Motion: An Introduction to the History and Functions of Museums*, 2nd Edition, Altamira Press, Plymouth.

Boylan, P. (2004) “Managing People”, in Boyland, P. (Ed. e Coord.) *Running a Museum: A Practical Handbook*. ICOM - International Council of Museums, Paris, pp.147-160.

Brüninghaus-Knubel (2004) “Museum Education in Context of Museum Functions”, in Boyland, P. (Ed. e Coord.) *Running a Museum: A Practical Handbook*. ICOM - International Council of Museums, Paris, pp.119-132.

Câmara Municipal de Setúbal (2009) *Bairros da Bela Vista e Zona Envolvente*. Candidatura ao Projeto RUBE – Regeneração Urbana da Bela Vista e Zona Envolvente, Câmara Municipal de Setúbal, Setúbal.

Cândido, M. (2010) “Diagnóstico Museológico: Estudos para uma Metodologia”, in Semedo, A e Nascimento, E. (Coord.) *Actas do 1º Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Porto, 12-14 Outubro 2009*, Vol.3, Universidade do Porto, pp. 124-132.

Cândido, M. (2014). “Orientações para Gestão e Planeamento de Museus”, *Coleções Estudos Museológico*, Volume 3, FFC Edições, Florianópolis.

Cândido, M. & Rosa, M (2014) – “Arqueologia, Museu e Perspetivas: o Diagnóstico Museológico do Museu Ângelo Rosa de Moura de Parangatu”, *Cadernos de Lepaarq*, Vol. XI, nº21, pp. 158-172. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/3166/2948> [Consultado a 7 de dezembro 2019].

Edson, G. (2004) “Museum Management”, in Boyland, P. (Ed. e Coord.) *Running a Museum: A Practical Handbook*. ICOM - International Council of Museums, Paris, pp.133-146.

Ferreira, C. (2015) “Envolvimento Cultural Comunitário”, *CesContexto: Paisagens Socioculturais Contemporâneas*, nº12, pp.48-56. Disponível em: <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/81037/1/O%20envolvimento%20cultural%20comunit%C3%A1rio.pdf> [Consultado a 10 de dezembro 2019].

Herreman, Y. (2004) “Display, Exhibits and Exhibitions”, in Boyland, P. (Ed. e Coord.) *Running a Museum: A Practical Handbook*. ICOM - International Council of Museums, Paris, pp.91-104.

Jirásek, P. (2004) “Museum Security, Including Disaster Preparatives”, in Boyland, P. (Ed. e Coord.) *Running a Museum: A Practical Handbook*. ICOM - International Council of Museums, Paris, pp.177-196.

Ladkin, N. (2004) “Collections Management “, in Boyland, P. (Ed. e Coord.) *Running a Museum: A Practical Handbook*. ICOM - International Council of Museums, Paris, pp.17-30.

Lord, G e Lord, B. (1999) “Introduction: The Museum Planning Process”, in Lord, G. E Lord, B. (Ed.) *The Manual of Museum Planning*. 2nd Edition, The Stationery Office, London, pp.1-7.

Lord, G. E Lord, B. (2009) *The Manual of Museum Management*. 2nd Edition. Altamira Press, Plymouth.

Lord, G. e Market, K. (Ed.) (2007) *The Manual of Strategic Planning for Museums*. Altamira Press, Plymouth.

McNichol, T. (2005) “Creative Marketing Strategies in Small Museums: Up Close and Innovative”. *International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing*, nº10, pp.239-247.

Michalski, S. (2004) “Care and Preservation of Collections”, in Boyland, P. (Ed. e Coord.) *Running a Museum: A Practical Handbook*. ICOM - International Council of Museums, Paris, pp.51-90.

Mork, P. (2004) “Marketing”, in Boylan, P. (Ed. E Coord.) *Running a Museum: A Practical Handbook*. ICOM – International Council of Museums, Paris, pp. 160-175.

Neves, K. (2003) “Programas Museológicos. Primeira Parte”. *Cadernos de Sociomuseologia*, nº21, pp.31-86. Disponível em:

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/38> [Consultado a 10 de dezembro 2019].

Neves, J. (Coord.), Santos, J. e Lima, M. (2013) *O Panorama Museológico em Portugal: Os Museus e a Rede Portuguesa de Museus na Primeira Década do Século XXI*. Direção-Geral do Património Cultural.

OA – Oficina de Arquitetura, Lda. (2007) ^b *Relatório Vetores de Intervenção Estratégica, Quadro Programático e Fichas de Ação*. Agenda 21 da Unidade Territorial Bairro da Bela Vista, Câmara Municipal de Setúbal, Setúbal.

OA – Oficina de Arquitetura, Lda. (2007) ^a *Relatório Diagnóstico Sintético do Bairro da Bela Vista*. Agenda 21 da Unidade Territorial Bairro da Bela Vista, Câmara Municipal de Setúbal, Setúbal.

Osborne, P. (1999) “Safety and Security”, in Lord, G. E Lord, B. (Ed.) *The Manual of Museum Planning*. 2nd Edition, The Stationery Office, London, pp. 217-244.

Pomian, K. (1994) “The collection: between the visible and the invisible”, in Pearce, S. *Interpreting objects and collections*, Routledge, Londres e Nova Iorque, pp. 160-174.

Remelgado, A. (2014) “Estratégias de Comunicação em Museus. Instrumentos de Comunicação em Instituição Museológicas”. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto.

Roberts, A. (2004) “Inventories and Documentation “, in Boyland, P. (Ed. e Coord.) *Running a Museum: A Practical Handbook*. ICOM - International Council of Museums, Paris, pp.31-50.

Serrell, B. (2015) *Exhibit Labels: An Interpretive Approach*. Rowman & Littlefield, Estados Unidos da América.

Tavares, C. (2009) “Programação Museológica do Museu Oliveira Ferreira”, in Semedo, A. E Nascimento, E. (Coord.) *Actas do 1º Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, 12-14 de Outubro, Vol.3, Universidade do Porto, pp.124-132.

Recursos Eletrónicos

Jornal Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2009/05/11/sociedade/noticia/psp-mantem-forte-patrolhamento-nas-ruas-do-bairro-da-bela-vista-1379951> [Consultado em 2 de Novembro de 2020];

<https://www.publico.pt/2013/03/16/local/noticia/jovem-morre-em-setubal-durante-perseguiacao-policia-1588059> [Consultado em 2 de Novembro de 2020].

Página da Câmara Municipal de Setúbal. Disponível em: <https://www.mun-setubal.pt/> [Consultado a 25 de novembro 2019].

Página do Observatório Social da Bela Vista. Disponível em: <http://observatoriosocialbv.mun-setubal.pt/> [Consultado a 25 de novembro 2019].

Regulamento do Museu Nacional de Arqueologia – Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Disponível em: <http://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/wp-content/uploads/Regulamento-Interno-MNA.pdf> [Consultado a 10 de janeiro 2020].

Regulamento do Museu da Olaria – Museu da Olaria, Barcelos. Disponível em: <http://www.museuolaria.pt/wp-content/uploads/2019/10/REGULAMENTO-museu-olaria.pdf> [Consultado a 10 de janeiro 2020].

Regulamento Interno do Museu do Douro – Museu do Douro, Peso da Régua. Disponível em: <http://museudodouro.pt/tpls/mu/files/conteudos/pdfs/regulamentointerno.pdf> [Consultado a 10 de janeiro 2020].

Legislação

Lei n°47/2004, de 19 de Agosto – Lei Quadro dos Museus Portugueses

Anexo B: Esculturas que compõem a coleção do Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista. Imagens retiradas do folheto informativo sobre o Núcleo Museológico Urbano, autoria da Câmara Municipal de Setúbal.



Fig. 1 - Labirinto



Fig. 2 - Cadmo



Fig. 3 – Estendal



Fig. 4 – Asas



Fig. 5 - Radar

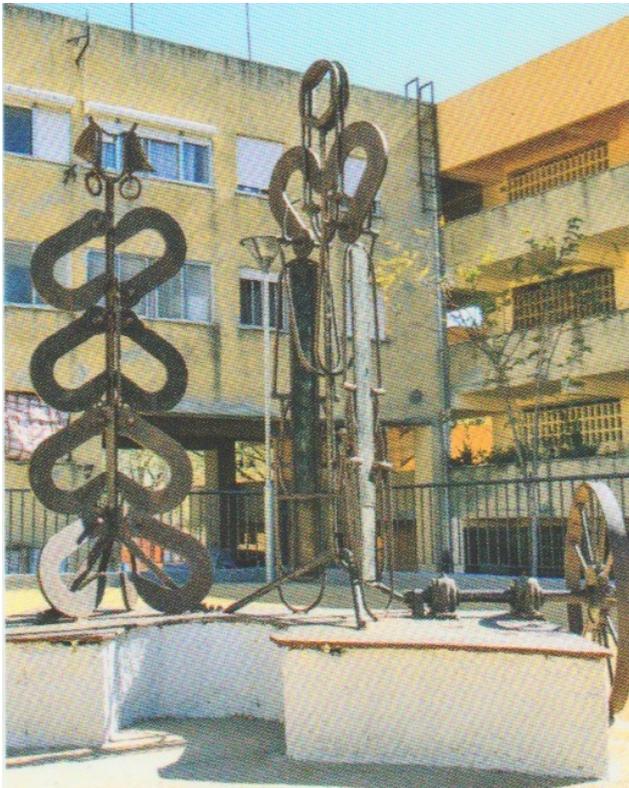


Fig. 6 – Casal Ciganos



Fig. 7 – África



Fig. 8 – Abraço



Fig. 9 – Sol e Lua



Fig. 10 – Tampas



Fig. 11 – Válvulas



Fig. 12 – 5 Continentes



Fig. 13 – Metamorphose



Fig. 14 – Plano Sequência

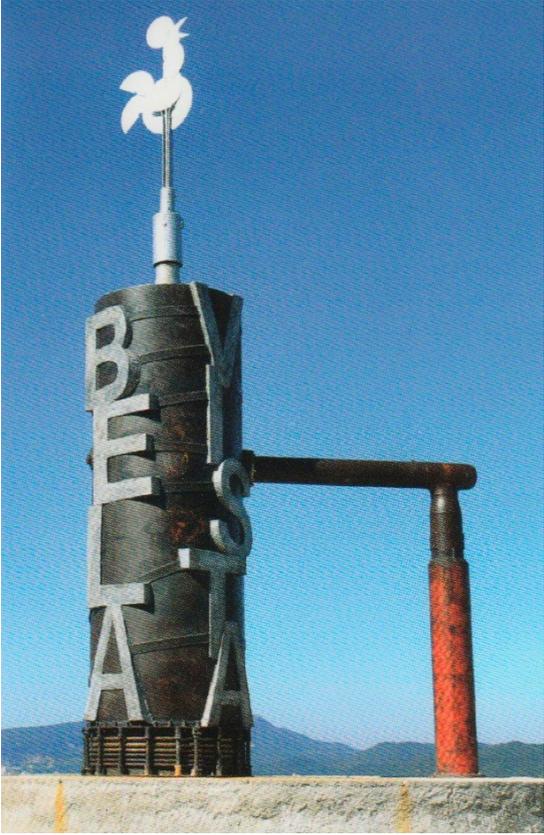


Fig. 15 – Despertar



Fig.16 – Sem Título

Anexo C: Atividades do Serviço Educativo e Percursos de Visitas Guiadas, folheto informativo disponibilizado pela Câmara Municipal de Setúbal.



**O MUSEU
ESTÁ NA RUA**
BELA VISTA | SETÚBAL

NMU
NÚCLEO MUSEOLÓGICO URBANO

SETUBAL
MUNICÍPIO PARTICIPADO

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO O MUSEU ESTÁ NA RUA
Pólo da Biblioteca da Bela Vista – Setúbal
Rua do Moínho, 5
2910-421 Setúbal

Contactos
Visitas guiadas mediante marcação
Email: museuestanarua@mun-setubal.pt
Telemóvel – 910 718 473
Telefone – 265 751 003

**O MUSEU
ESTÁ NA RUA**
BELA VISTA | SETÚBAL

SERVIÇO EDUCATIVO – ATIVIDADES

À Comunidade Educativa de Setúbal

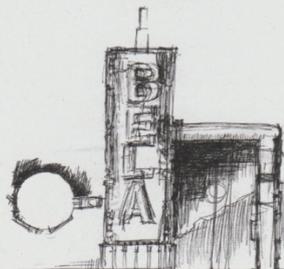
O Museu Está na Rua – Núcleo Museológico Urbano da Bela Vista – Câmara Municipal de Setúbal, é um museu de arte urbana totalmente ao ar livre com obras do escultor João Límpinho. São peças feitas a partir de sucata industrial recolhida na região.

Permite trabalhar com os alunos as memórias coletivas da vivência industrial de Setúbal.

Promove as relações interculturais da cidade e aposta na participação dos moradores como parte do projeto.

Traduz-se numa nova ideia de museu, existente em muitas cidades pelo mundo fora, que ajudará professores e alunos a trabalhar a cultura, a interculturalidade, as vivências da sua cidade enriquecendo o currículo escolar e promovendo o contacto com o que os rodeia.

Esperamos pela visita de todos para descobrirem este Museu!



VISITAS GUIADAS

Descobrir o Museu Está na Rua! a partir de percursos temáticos e adaptados a diferentes faixas etárias. A visita realiza-se mediante marcação prévia e inclui participação em ateliers relacionados com as esculturas.

PERCURSO INTERCULTURAL – VIAJEM À VOLTA DO MUNDO

Visita às principais esculturas que refletem na sua conceção as diferentes comunidades culturais dos bairros da Bela Vista, chamando a atenção para a importância do Diálogo Intercultural.

A partir dos 3 anos e até ao 2.º ciclo. Duração aproximada de 2 horas.

PERCURSO LITERACIA E CRIATIVIDADE – VIAJAR PELA IMAGINAÇÃO

Visita às principais esculturas que apelam à imaginação e criatividade humanas, reforçando o papel da leitura e da escrita no desenvolvimento pessoal e social.

A partir dos 3 anos e até ao 2.º ciclo. Duração aproximada de 2 horas.

PERCURSO INDUSTRIAL – VIAJAR COM ESTÓRIAS

Visita às principais esculturas que permitem conhecer a história e vivência da indústria naval da região.

A partir do 3.º ciclo. Duração aproximada de 2 horas.

PERCURSO COMPLETO – VIAJAR PELOS BAIRROS

A partir de uma atividade lúdica (pedipaper), conhecer os bairros da Bela Vista, fazendo a visita completa.

A partir do 3.º ciclo. Duração aproximada de 2:30 horas.

Nota: A faixa etária apresentada é meramente indicativa. As visitas podem ser adaptadas a diferentes idades e níveis de ensino.

PROJETO EDUCATIVO – FESTIVAL DA PRIMAVERA

A desenvolver com turmas de 1.º ciclo de diferentes Agrupamentos do Concelho, distribuindo as borboletas, que compõem a escultura Metamorfose, pelas escolas, para que voltem a ser pintadas. O processo tem início e termina com uma visita ao Museu, permitindo a alunos e professores retirar ideias para desenvolver o projeto escolar e, no final, promover o trabalho coletivo das escolas.

Dirigido ao 1.º ciclo do Ensino Básico.

Anexo D: Organograma da Câmara Municipal de Setúbal. Disponível em: <https://www.municipalsetubal.pt/organograma/>

